

Adriana Silva

O Contributo do Plano Nacional de Leitura para a Formação de Leitores no 1.º Ciclo do Ensino Básico



Instituto Politécnico

Escola Superior de Educa

Adriana Maria dos Santos Almeida Soares Silva

O Contributo do Plano Nacional de Leitura
Formação de Leitores no 1.º Ciclo do Ensino

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu

Adriana Maria dos Santos Almeida Soares Silva

O Contributo do Plano Nacional de Leitura para a
Formação de Leitores no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho Final de Estágio

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho efectuado sob a orientação de
Doutor João Paulo Balula



Agosto de 2011

“Declaro, por minha honra, que este trabalho é original e todas as fontes utilizadas estão devidamente referenciadas.

O candidato,

Viseu, ___/___/___

Agradecimentos

Ao meu orientador, pela disponibilidade, orientação e respeito que sempre me dedicou desde o início do trabalho. Agradeço-lhe também por todos os seus conhecimentos que colocou ao meu dispor.

Ao Carlos, à Maria e aos meus pais pelo apoio moral e incentivo que sempre me dispensaram nesta longa caminhada.

RESUMO

Formar leitores é um dever repartido entre a família e a escola. O Plano Nacional de Leitura aparece como resposta institucional que tem como objectivo central desenvolver competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como a criação de hábitos de leitura.

Este trabalho está relacionado com a leitura e o contributo do Plano Nacional de Leitura para a formação de leitores.

Com este estudo pretende-se essencialmente: reflectir sobre a leitura, a formação de leitores e o contributo do Plano Nacional de Leitura, implementar actividades no âmbito do Plano Nacional de Leitura e avaliar o impacto dessas actividades na formação de leitores e na promoção da leitura.

O estudo está centrado numa experiência pedagógica realizada com alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico e conduzida pelo professor titular de turma.

Na análise de dados, optámos por uma abordagem metodológica de tipo qualitativo.

O estudo desenvolvido permitiu concluir que as actividades implementadas no âmbito do Plano Nacional de Leitura correram de forma positiva, pautadas por motivação, interesse e empenho por parte dos alunos e que o Plano Nacional de Leitura poderá ser utilizado como recurso educativo, inserido nas práticas pedagógicas, de forma a contribuir para a formação de leitores.

Palavras – chave: Leitura, Formação de Leitores, Plano Nacional de Leitura, Promoção da leitura

Abstract

Training readers is a duty shared by the family, school and school library. The National Reading Plan appears as an institutional response that aims to develop core competence in reading and writing, as well as the establishment of reading habits.

This Work is related to reading and the contribution of the National Reading Plan for the training of readers.

With this study is it, essentially aimed: reflecting on the reading, readers education and the contribution of the National Reading Plan, implementing activities under the National Reading Plan and evaluating their impacts on the formation of readers and promoting reading.

The study is focused on the teaching experience with students of Primary School and conducted by teacher of the class. In data analysis, we chose a qualitative methodological approach.

The study developed allowed complete that the activities implemented under the National Reading Plan were conducted in a positive, underpinned by motivation, interest and commitment from students and the National Reading Plan may be used as an education resource, included in the pedagogical practices in order to contribute to the formation of readers.

Key- words: Reading, readers training, National Reading Plan, reading promotion.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I.....	10
A FORMAÇÃO DE LEITORES NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO	10
1.1 A Importância da Leitura na Sociedade do Conhecimento.....	11
1.2 Concepções de Leitura: da decifração à compreensão.....	13
1.3 A Leitura nas Orientações Curriculares.....	15
1.4 Formação de Leitores.....	16
1.4.1 A Família.....	17
1.4.2 A Escola.....	18
1.4.2.1 O Papel dos Professores	21
1.4.3 As Bibliotecas	21
1.5 Plano Nacional de Leitura.....	24
CAPÍTULO II.....	29
ESTUDO EMPIRICO	29
2.1 Procedimentos Metodológicos.....	30
2.2 Instrumentos de Recolha de Dados.....	31
2.3 Caracterização da Amostra.....	32
2.3.1 Caracterização do Meio	34
2.3.2 Caracterização da Escola	35
2.4 Plano de Actividades.....	35
2.4.1. Implementação do Projecto "Já Sei Ler".....	37
2.4.2 Trabalho sobre o livro "História das Cinco Vogais".....	38
2.4.3 Visita à Biblioteca Escolar.....	39
2.4.4 Trabalho sobre o livro "Ninguém dá Prendas ao Pai Natal".....	40
2.5 Avaliação das Actividades.....	41
2.5.1 Avaliação da Implementação do Projecto "Já Sei Ler".....	41
2.5.2 Avaliação do Trabalho sobre o livro "História das Cinco Vogais".....	43
2.5.3 Avaliação da Visita à Biblioteca Escolar.....	45

2.5.4 Avaliação do Trabalho sobre o livro "Ninguém dá Prendas ao Pai Natal".....	48
CAPÍTULO III.....	50
CONCLUSÕES.....	50
BIBLIOGRAFIA.....	55

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 Iniciativas do Plano Nacional de Leitura.....	27
Quadro n.º 2 Habilitações literárias dos pais.....	32
Quadro n.º 3 Profissão dos pais.....	33
Quadro n.º 4 Ocupação dos tempos livres.....	34
Quadro n.º 5 Actividades: pré-leitura, leitura e pós-leitura.....	36
Quadro n.º 6 Calendarização das actividades.....	36
Quadro n.º 7 Ficha de correspondência.....	44
Quadro n.º 8 Recortar palavras.....	45

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – Chuva de imagens.....	43
Imagem 2 – Estendal de histórias.....	48

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1	
Anexo 2	
Anexo 3	
Anexo 4	

INTRODUÇÃO

O nosso interesse pela problemática da leitura e, nomeadamente, pelo contributo do Plano Nacional de Leitura (PNL) na formação de leitores deve-se essencialmente, ao facto de ao longo de vários anos o *Programme for International Students Assessment* (PISA) ter feito avaliações aos índices de literacia em leitura e Portugal ter ficado numa posição muito desfavorável, abaixo da média dos países europeus.

O PISA tem revelado que é necessário formar leitores competentes, leitores que sejam capazes de compreender textos escritos.

Face à necessidade de desenvolver competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como de criar hábitos de leitura, foi preparado o Plano Nacional de Leitura, sendo implementado nas nossas escolas a partir de Junho de 2006.

O presente estudo pretende verificar até que ponto as actividades desenvolvidas, no âmbito do Plano Nacional de Leitura, podem potenciar a formação de leitores.

No quadro das perspectivas actuais sobre a Educação, analisar a problemática da leitura parece-nos não só pertinente, mas sobretudo necessário.

Vivemos numa época em que as pessoas têm imensas solicitações. A vida está de tal modo preenchida que são poucos os momentos que cada um tem para si.

A leitura é pois considerada como uma actividade essencial no mundo civilizado. Deste modo, nas sociedades contemporâneas, a problemática da leitura tornou-se uma componente estruturante de um número significativo de eventos (seminários, debates e congressos).

Com o objectivo de analisar a problemática da leitura, têm vindo a ser realizados estudos nacionais e internacionais que revelam problemas a nível da literacia, relacionados com a compreensão na leitura.

Na década de noventa do século XX, os estudos sobre hábitos e práticas de leitura, nomeadamente os estudos produzidos por Freitas e Santos (1992), Magalhães e Alçada (1994), bem como por Freitas, Casanova e Alves (1997), concluíram que havia resistência à leitura de livros e que a leitura de jornais e revistas era mais frequente.

Mais recentemente, em 2007, esta problemática foi objecto de um estudo realizado em Portugal, sob a coordenação de Maria de Lourdes Santos. Este estudo (Santos, 2007) fornece um manancial de informação respeitante a quem lê, o que lê, onde lê, porque lê e a quais as evoluções detectadas relativamente a anteriores inquéritos.

A análise deste documento permite-nos concluir que os dados obtidos não acompanham a tendência de recuo da leitura observada em outros países europeus, verificando-se um recuo dos “não-leitores” face a estudos anteriores. No entanto, ainda subsiste uma divisão entre os que pensam que hoje se lê mais do que há uma década e os que dizem que se lê menos.

Face a esta situação, a escola tem, certamente, algo a dizer e a fazer neste domínio. É necessário dotar os nossos alunos de um conjunto de ferramentas que lhes permitam tornar-se sujeitos activos do seu processo de desenvolvimento pessoal e social. A leitura é uma das ferramentas necessárias para a construção de uma formação sólida e bem sucedida.

Segundo Cadório (2001), promover e fomentar o hábito de ler é dotar o aluno de um maior conhecimento, mais criatividade, autonomia, espírito crítico e um maior saber de si e dos outros.

A aquisição de interesses e de hábitos de leitura consistentes é um processo contínuo, que se deve iniciar em casa e deve ser reforçado na escola.

Face a este pressuposto, o Plano Nacional de Leitura (PNL) surge como uma resposta institucional que pretende desenvolver competências nos domínios da leitura e escrita, bem como a criação de hábitos de leitura nos alunos e estimular o prazer de ler nas crianças e jovens, intensificando o contacto com os livros na escola.

A prática da leitura, desde o seu aparecimento, anda associada à alfabetização dos indivíduos e, por esta via, a situações de aprendizagem. Pode-se dizer que a leitura e a escola mantêm elos muito fortes.

A escola tem por missão não só a aprendizagem, mas também incentivar os alunos a ler, proporcionando um encontro efectivo e agradável com os livros, durante toda a escolaridade.

Com este estudo, pretende-se, em termos gerais:

- Promover a aprendizagem da leitura, a partir das práticas pedagógicas adoptadas;

- Incentivar o gosto dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico pela leitura.

Por sua vez, temos como objectivos específicos:

- Promover actividades com a biblioteca escolar de modo a despertar o gosto pela leitura;

- Perceber a importância dos mediadores na promoção de leitura;

- Promover a utilização de estratégias de leitura em contexto de sala de aula;

- Envolver os pais na criação de hábitos de leitura;

- Avaliar o contributo do PNL para a promoção da leitura numa escola concreta.

Para atingir estes objectivos, pensamos ser necessário encontrar resposta para a seguinte questão de investigação:

- De que modo o Plano Nacional de Leitura contribui para a formação de leitores?

Quando nos propomos fazer uma investigação sobre algo é necessário escolher a metodologia a utilizar e esta deve ser feita em função da natureza do problema em estudo.

Face ao pressuposto deste estudo, que privilegia essencialmente a compreensão dos comportamentos e atitudes a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, adoptou-se uma metodologia qualitativa.

O presente estudo tem como objectivo analisar e descrever situações resultantes de um grupo de propostas de cariz educativo, realizadas em contexto de sala de aula, tendo por base determinadas directrizes.

A resposta à questão de investigação, a análise dos resultados obtidos a partir das actividades implementadas, permite dar alguma indicação sobre como promover a formação de leitores.

Este trabalho centra-se, fundamentalmente, na observação directa das actividades desenvolvidas, no âmbito do Plano Nacional de Leitura, em contexto de sala de aula e está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo diz respeito ao enquadramento conceptual. Neste capítulo, abordaremos a leitura na Sociedade do Conhecimento e as concepções de leitura, fazendo uma referência à leitura como decifração e como compreensão. Para finalizar, faremos uma abordagem aos documentos oficiais que orientam a formação de leitores na escola e ainda ao Plano Nacional de Leitura.

No segundo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados na investigação, a caracterização da amostra, os instrumentos de recolha de dados e o plano das actividades implementadas.

O terceiro capítulo destinar-se-á à análise e interpretação dos resultados obtidos e, no quarto capítulo, são apresentadas as conclusões do trabalho.

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO DE LEITORES NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

1.1 A Importância da Leitura na Sociedade do Conhecimento

Vivemos numa sociedade marcada pela difusão da informação, designadamente, da informação escrita, e pelo crescente acesso às tecnologias da comunicação, particularmente, a internet, onde a compreensão de textos escritos tem uma relevância cada vez mais importante e a falta de capacidades neste domínio dificulta a inclusão plena do cidadão na sociedade e a sua inserção no mercado laboral.

Para Balula (2010), as expressões sociedade da informação e sociedade do conhecimento são utilizadas com frequência, sem ser dada a devida distinção. Segundo este autor, a informação é algo externo, que se pode adquirir e reunir de forma rápida, no entanto o seu uso só tem interesse se o indivíduo for capaz de seleccionar, processar e avaliar. Quanto ao conhecimento, é algo interiorizado, estruturado, que se relaciona com o entendimento e com a inteligência, que cresce paulatinamente e encaminha à acção.

Face a esta distinção, Balula (2007, p.37) refere que o mais importante na sociedade actual não é a informação, por si, já que é de fácil acesso, mas sim a capacidade de apreensão, compreensão e transformação da informação em conhecimento.

Para fazer frente a esta sociedade da informação e do conhecimento, dominada pelo progresso das tecnologias, é imprescindível a aquisição da capacidade de leitura por parte dos cidadãos. O cidadão actual deve ser leitor competente e crítico e ter a capacidade de ler uma diversidade de textos e de separar a abundante informação que lhe é cedida, diariamente, através de diferentes meios, o que lhe possibilitará interpretar e avaliar ideias e aceder de forma crítica às tecnologias da informação e comunicação.

Na opinião de Trindade (2009, citada por Balula, 2010), as exigências relativamente à melhoria da literacia do cidadão comum e, simultaneamente, de um elenco cada vez mais sofisticado de competências em compreensão leitora são objecto de preocupação para toda a sociedade.

Para Balula (2010), o nível de literacia deixou de ser um luxo e passou a ser uma necessidade. A literacia em leitura, para este autor, é um direito universal de todas as sociedades, porque o seu valor instrumental possibilitará aos indivíduos intervir, autónoma e livremente, na sociedade do conhecimento.

Corroborando a mesma opinião, Martins e Sá (2008) afirmam que a leitura, juntamente com a escrita, é uma das actividades relevantes do universo social e escolar dos indivíduos. A presente sociedade e as suas constantes transformações impõem uma profunda reflexão sobre o conceito de leitura, sobre o papel que ocupa no currículo e ainda sobre a maneira como é ensinada e avaliada.

Segundo Sousa (1999, citado por Martins & Sá, 2008), para haver leitores é indispensável formá-los, não basta desejá-los. Formar leitores requer, da escola e dos diversos intervenientes do processo educativo, atitudes que estimulem o pensamento, o sentido crítico, que respondam a desafios, apostando em objectos de leitura ricos e diversificados e numa postura de diálogo e cooperação desde o início da escolaridade.

Na opinião de Sim-Sim (2003), a complexidade envolvida no processo de aprendizagem de leitura exige do aprendiz de leitor motivação, vontade, esforço e consciencialização do que está a ser aprendido. Por sua vez, a lentidão própria no domínio desta competência requer que o seu ensino não se circunscreva, somente, à descodificação alfabética mas se estenda, de forma sistematizada e responsável, ao longo de todo o percurso escolar.

Podemos concluir que ler e compreender textos são operações essenciais no dia-a-dia do cidadão, completamente integrado na sociedade.

Para Martins e Sá (2008), a competência na utilização da informação escrita é uma questão de sobrevivência na vida do cidadão, o meio fácil de acesso à cultura e à sua partilha, bem como à mobilidade social. A improficiência para o fazer será um factor de limitação do nível e da qualidade da participação social, logo, de exclusão social.

Para estas autoras, o desenvolvimento de capacidades de compreensão na leitura é um dos objectivos indispensáveis da escolarização dos cidadãos e é um contributo necessário para a sua integração social. Com fracas capacidades em compreensão na leitura, os alunos são cidadãos pouco participativos e pouco críticos, o que condicionará o crescimento económico e social do país.

Actualmente existe uma grande preocupação com as questões relacionadas com a compreensão na leitura. Por isso, recentemente tem-se verificado a implementação de algumas medidas para solucionar os problemas de iliteracia, medidas que se relacionam com a alteração da abordagem escolar da compreensão leitora e ainda a implementação do Plano Nacional de Leitura que pretende estimular o prazer de ler nas crianças e nos jovens, intensificando o contacto precoce com os livros.

Na perspectiva de Martins e Sá (2008), um bom desempenho em compreensão na leitura, além de elevar os níveis de literacia, conduzirá o país a um nível socioeconómico mais favorável para todos os cidadãos, dotando-os de competências essenciais para fazerem face ao avanço tecnológico e para exercerem plenamente a sua cidadania.

1.2 Concepções de Leitura: da decifração à compreensão

A leitura é uma maneira particular de obter informações. A polissemia da palavra ler é um indicador da riqueza que o conceito subjacente encerra. Segundo Sim-Sim (2002), lemos de muitas formas, através de diversos meios e com finalidades diferentes. Lemos para nos mantermos informados, por prazer, para reflectirmos, para passar o tempo e para cumprir tarefas profissionais e sociais.

Relativamente à questão “o que é ler?”, surge uma variedade de respostas mais ou menos complexas, devido, essencialmente, ao conjunto de processos biológicos, psicológicos e sociais que estão em jogo na conduta humana e, conseqüentemente, no acto de ler (Viana & Teixeira, 2002, p. 9).

Na opinião de Rebelo (1993), a leitura para além de ser um processo com alguma complexidade, desenvolve-se gradualmente, segundo várias fases. Razão pela qual é difícil elaborar uma definição consensual da mesma.

Antão (1997) utiliza o termo complexo para definir a leitura, no entanto opina dizendo que através dela, o leitor distrai-se e tira prazer, desenvolve a sua imaginação e forma-se intelectual e moralmente.

O mesmo autor atribui à leitura a função de ampliar a capacidade crítica que paralelamente favorece a aquisição de cultura, a autonomia pessoal e a relação social.

Para alguns autores, ler é compreender o sentido do texto; para outros ler é raciocinar. Outros ainda, afirmam que ler é saber decifrar, isto é, ser capaz de pronunciar correctamente as palavras impressas mesmo que a pessoa não compreenda o sentido do texto.

Na perspectiva de Viana e Teixeira (2002, p. 9), as opiniões dos autores têm oscilado entre dois pólos, centrando-se, ou nos processos perceptivos, ou nos processos de compreensão. No entanto, as definições de leitura não devem considerar-se independentemente da função que a leitura actualmente exerce, quer a nível individual quer a nível social.

Para estas autoras, no passado, ler, escrever e contar eram tanto aquisições sociais como instrumentos de acção. Presentemente, a situação apresenta-se de forma diferente; estas aquisições têm que ser consideradas como meio de formação geral de cada indivíduo.

As diversas concepções sobre o que é ler mostram a ausência de uma definição comum e consensual.

Partindo destes vários conceitos, a leitura abrange sempre dois elementos comuns: a leitura como decifração dos signos gráficos e o objectivo final da leitura, a compreensão de sentido. Ou seja, descodificação e compreensão são os termos mais abordados nestas definições, contudo é necessário referir outras dimensões que é preciso considerar, no decorrer do processo de aprendizagem da leitura.

Segundo Viana e Teixeira (2002), tornar-se leitor requer o domínio de um grupo complexo de operações mentais, atitudes, expectativas e comportamentos, tal como competências específicas relacionadas com a linguagem escrita. Qualquer definição de leitura terá de ser suficientemente ampla para poder abranger todas estas dimensões.

Ao encontro destas dimensões, estas autoras citam Mialaret e Bonboir que contemplam estas dimensões mencionadas. Para Bonboir (1970), saber ler é ser capaz de extrair as inferências autorizadas por um texto e de lhe dar alma; é recriar ou criar o significado de uma mensagem até aí implícita.

Na perspectiva de Mialaret (1974), ler equivale a ser capaz de transformar uma mensagem escrita noutra sonora, em conformidade com determinadas leis bem definidas, equivale a ser capaz de a conceber e de apreciar o seu valor estético. Na opinião deste último autor, a leitura define-se segundo três aspectos essenciais, e que esclarecem as diversas dimensões necessárias durante o processo de aprendizagem da leitura: a técnica da decifração (as crianças adquirem o mecanismo da leitura, ou seja sabem decifrar); saber ler é compreender (saber ler significa entender o que se decifra, corresponde ao ser capaz de extrair o significado contido numa mensagem escrita); saber ler é julgar (a leitura é inseparável da formação de pensamentos e do desenvolvimento do espírito crítico). (Mialaret, 1974 p.15-19).

Rebelo (1993) afirma que existem duas formas de leitura bem distintas: a elementar e a de compreensão. A elementar baseia-se, principalmente, em converter grafemas em fonemas, identificando e reconhecendo palavras. A segunda forma, consiste em ler palavras, frases e textos, para lhes compreender o significado, interpretando-os e usando a sua mensagem para obter e desenvolver conhecimentos.

Todas as definições que surgem na literatura existente sustentam a leitura como um acto cognitivo, ou seja, uma actividade perceptiva e cognitiva e não puramente uma recepção. Tal facto exige do sujeito determinadas capacidades que permitem uma variação de compreensão da mensagem, de um leitor para outro leitor.

Para Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997), a leitura é um processo interactivo entre o leitor e o texto, no sentido em que os conhecimentos do leitor interagem com o texto para chegar à compreensão.

Como salienta Magalhães (2006, p. 77), basicamente ler implica comunicar, entrar em diálogo com o escritor: concordar, discordar, conseguir informações necessárias para realizar algo, obter distração, prazer e companhia.

Perante a diversidade de definições sobre o conceito de leitura, ela aparece como um instrumento necessário ao cidadão, que tem como objectivo ter um papel activo e profícuo na sociedade. Para que isso aconteça, espera-se que a escola apoie o aluno a obter essa competência de leitura e a desenvolver o gosto para a utilizar ao longo da vida.

1.3 A leitura nas orientações curriculares

As orientações curriculares oficiais concedem um lugar relevante à operacionalização das práticas da Língua materna em contexto escolar, tornando-a um importante factor de identidade nacional e cultural.

O Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ministério da Educação, 1991) consagra, nos seus princípios orientadores, a língua materna como elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia. O mesmo documento sublinha que quem não possuiu uma competência linguística adequada fica privado do acesso ao conhecimento e à realização pessoal. Este programa apresenta três domínios (comunicação oral, comunicação escrita e funcionamento da língua) que se pretende que sejam trabalhados de forma integral. O programa salienta a necessidade de, na aprendizagem da leitura, se mobilizarem situações de diálogo, de cooperação, de confronto, se fomentar a curiosidade de aprender, de ler e escrever. Nos objectivos gerais, é explicitada a necessidade de utilizar a leitura com finalidades diversas e desenvolver a competência da leitura.

Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) explicitam claramente que cabe à escola desenvolver em todos os alunos a mestria de competências que lhes permitam, através da leitura de textos literários e não literários de várias épocas e géneros, tomar consciência da multiplicidade de dimensões da experiência humana. Podemos assim constatar a necessidade de usar textos diversificados que dêem sentido à leitura e que sejam motivadores para a fruição dessa leitura.

No Currículo Nacional do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2001), relativamente à área da Língua Portuguesa, são apresentadas cinco competências essenciais: compreensão e expressão do oral, leitura e expressão escrita e o conhecimento explícito da língua. Este documento menciona entre outras metas, a de desenvolver nos jovens um conhecimento da língua que o torne um leitor fluente e crítico, dando assim importância à necessidade de formar leitores capazes e interventivos na sociedade do

conhecimento e da informação. Um outro aspecto referido no documento supracitado diz respeito à criação de autonomia e hábitos de leitura.

Os Programas de Português do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2009) não alteram as competências em relação ao Currículo Nacional, mas fazem referência a algumas linhas gerais orientadoras para levar a cabo, no âmbito das várias competências.

Em relação à leitura, os novos programas indicam que, numa fase inicial, se deve trabalhar a decifração e, posteriormente, o ensino explícito de estratégias de compreensão que possibilitem o acesso à informação. No desenvolvimento da competência de leitura, o aluno deve pôr em prática três etapas essenciais no acto de ler: pré – leitura, leitura e pós-leitura. Paralelamente a esta prática, o mesmo documento realça a necessidade de implementar acções de promoção de leitura com o objectivo de converter os alunos em leitores autónomos e que gostem de ler, fazendo referência às bibliotecas escolares como recurso a utilizar para essa promoção. Salienta a importância dos professores considerarem como textos e autores para leitura os mencionados no Plano Nacional de Leitura.

Em suma, podemos constatar que os três documentos referenciados assumem como importante a leitura, no entanto podemos também verificar que essa importância tem vindo a aumentar.

1.4 Formação de Leitores

A necessidade de formar leitores permanentes e críticos está intimamente relacionada com a construção do conhecimento e, conseqüentemente, com as aprendizagens e com o sucesso educativo dos alunos.

Um bom leitor será aquele que lê livremente diversos tipos de textos, em situações diversas, sendo capaz de discriminar, reflectir e opinar acerca dos conteúdos que leu.

Como sublinha Cerrillo (2006, p. 35), o leitor não nasce, faz-se; mas o não leitor também: fazemo-nos leitores ou não leitores com o passar do tempo, ou seja, consoante as experiências leitoras, motivadoras ou não, assim se irá reflectir no tempo a condição de leitor.

Formar leitores competentes, críticos e reflexivos para o século XXI implica a responsabilização dos diferentes mediadores de leitura – família, Escola e outros agentes sociais.

Na opinião de Martins e Sá (2008) ser leitor no século XXI exige do aluno motivação, vontade e esforço. A aprendizagem da leitura é para toda a vida e vai muito para além da descodificação alfabética, prolongando-se o seu desenvolvimento por toda a escolarização. Estas autoras reforçam a importância da leitura como ferramenta de aprendizagem

fundamental para todos, em todas as idades e atribuem à escola a responsabilidade de formar leitores, adequando as suas estratégias às necessidades do mundo actual, para poder ultrapassar os problemas detectados e contribuir para a melhoria do desempenho dos alunos, futuros cidadãos.

Segundo Calçada (2009), fazer leitores é algo de que a sociedade não pode prescindir, pois o leitor será sempre o construtor da diferença. Partindo desta ideia, é necessário que haja, por parte da sociedade em geral, uma mobilização que conduza à formação de leitores activos e reflexivos.

1.4.1 A Família

A proximidade da criança com o livro no seio familiar é muito importante, pois a criança desenvolve determinadas competências necessárias para a aprendizagem da leitura.

Na opinião de Viana e Martins (2009), a aprendizagem da leitura tem lugar bem antes do ensino formal. A importância da leitura na vida dos adultos que convivem com a criança influencia, de forma determinante o seu percurso de leitor, na medida em que, segundo as mesmas autoras, a motivação para aprender a ler será directamente proporcional ao estatuto social e afectivo que a leitura tiver para a família e para o aprendiz de leitor. Atribuir estatuto à leitura é, então, um importante meio para a promover.

As crianças que vivem num contexto estimulante, em que vêem adultos envolvidos numa procura activa de conhecimentos e que desenvolvem estratégias para a ele aceder através do recurso a jornais, a revistas, a livros, à rádio, à internet, aumentam a probabilidade de as crianças os passarem a utilizar como meios usuais, integrando-os nas suas rotinas. Assim sendo, a família tem um papel preponderante na motivação para a aprendizagem e na transmissão de uma cultura de valorização do saber.

Para Sequeira (1989), para além de ser importante facilitar o acesso aos livros ou materiais de leitura, é também essencial que os próprios pais dêem o exemplo. Isto quer dizer que os pais devem ler e partilhar as suas leituras. A mesma autora salienta que os pais que lêem, respondem a questões, estimulam a resolução de problemas, sugerem e apreciam as discussões são pais que proporcionam aos filhos um ambiente propício para a imersão no livro.

Corroborando as mesmas opiniões, Bastos (1999) sugere algumas recomendações aos pais: dar livros às crianças antes mesmo de saberem ler, ler e contar histórias, preservar momentos de leitura partilhada, evitar impor de forma autoritária os nossos gostos pessoais à criança, compreender que a leitura vai desde os livros de ficção aos livros de

informação, e que todos são válidos, bem como considerar que a leitura não deve servir apenas um objectivo utilitário.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Cerrillo (2006, p. 44) considera que os mediadores no âmbito familiar devem ter em conta que ler não é uma perda de tempo, ler é divertido, a leitura nunca deve ser um castigo, nem se deve obrigar mas sim facilitar, a chave para conseguir leitores é a sedução, fazer com que o futuro leitor se deixe seduzir pela leitura, é bom que os pais partilhem as suas leituras com os filhos e juntos visitem livrarias, comprem livros e frequentem bibliotecas.

Na perspectiva de Balula (2010), o espaço familiar proporciona possibilidades inigualáveis que contribuem para o processo de criação de leitores, na medida em que a leitura é realizada sem obrigações nem exigências, como algo que se desfruta durante o tempo de lazer, algo que, através das palavras, reforça os afectos e convida à partilha de emoções.

1.4.2 A Escola

Sendo incontestável a importância que se concede à leitura na escola, é também verdade que ela se apresenta como uma prioridade educativa. Face a esta situação, a escola tem, certamente, algo a dizer e a fazer neste domínio. É necessário dotar os nossos alunos de um conjunto de ferramentas, que lhes permitam tornar-se sujeitos activos do seu processo de desenvolvimento pessoal e social.

A escola tem um papel determinante na formação de leitores, contudo não se podem esquecer as relações de interdependência com outras instituições, nomeadamente a família.

Para Viana e Martins (2009), o jardim-de-infância e a escola são os contextos, em termos de importância, que mais se aproximam da família neste âmbito. Assim, na escola deve ser dada continuidade ao trabalho realizada na família ou, se for necessário, devem ser minimizadas as lacunas oriundas do meio familiar.

Partilhando da mesma opinião, Sequeira (2002) identifica o ensino pré-escolar e o primeiro ciclo do ensino básico como os níveis de ensino que facultam a aproximação da criança ao livro, desenvolvendo nela o gosto pela leitura, e onde se realizam as aprendizagens que marcam a criança, intervindo directamente com o seu futuro.

O jardim-de-infância é um local privilegiado de contacto com o livro. É essencial proporcionar às crianças o contacto directo com variados tipos de texto para que elas entendam a necessidade e as funções da leitura e da escrita, ao mesmo tempo que vão desenvolvendo estratégias de leitor, promovendo o prazer, o gosto e a vontade de ler.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 1997, p. 71),

Cabe assim ao educador proporcionar o contacto com diversos tipos de texto escrito que levam a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, favorecendo a emergência do código escrito. A forma como o educador utiliza e se relaciona com a escrita é fundamental para incentivar as crianças a interessarem-se e a evoluírem neste domínio.

Nas crianças dos três aos cinco anos, começa a desenvolver-se gradualmente o processo de leitura, paralelamente ao processo da escrita. A criança vive cercada de símbolos escritos e tenta dar-lhes significado, valendo-se muitas vezes do conhecimento prévio que possui e de outras estratégias que o educador vai partilhando com ela na forma como lhe lê as histórias e outros textos.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 1997), existem formas de leitura que podem ser utilizadas por estas crianças, nomeadamente interpretar imagens ou gravuras de um livro ou de outro texto, descrever gravuras, organizar sequências e inventar pequenas legendas.

Mata (2008), reconhece que os contactos precoces com a leitura proporcionados no jardim-de-infância são necessários para a formação do bom leitor e isto tem a ver com a assiduidade com que se lê, como se lê, porque se lê e com quem se lê. A mesma autora refere que foram identificados, em crianças de idade pré-escolar, três perfis motivacionais para a leitura: o prazer da leitura, o valor da leitura e o auto conceito de leitor. O desenvolvimento de momentos de leitura positivos e agradáveis, a compreensão da sua utilidade através de situações do dia-a-dia, a reacção e os incentivos de todos os que rodeiam a criança, bem como as suas primeiras tentativas de leitura são essenciais para uma maior motivação face à mesma. Segundo esta autora, é benéfico utilizar estratégias de antecipação do conteúdo, desafiando a criança a fazer as suas provisões, a desenvolver questões, a interagir com o livro, a envolver-se de tal forma que sinta satisfação e prazer, usufruindo realmente da leitura.

Mata (2008) crê que a leitura de histórias é uma actividade muito rica e completa, pois possibilita a integração de diferentes formas de abordagem à escrita, em geral, e, especificamente, à leitura. Através dela, a criança desenvolve a linguagem, enriquece o vocabulário e potencia a criação de hábitos de leitura.

A escola continua, no decorrer do ensino básico, o seu papel na formação de leitores, a começar pelo ensino formal da decifração.

Segundo Viana e Martins (2009), dominar o código escrito e ler as palavras de forma automática é determinante para a leitura. Dificuldades ao nível da decifração comprometem a extracção do sentido e os níveis elevados de motivação face a uma tarefa que exige esforço e persistência.

Fazendo uma análise às orientações curriculares, nomeadamente ao Programa Nacional do Ensino Básico (Ministério da Educação, 1991) e ao Currículo Nacional (Ministério da Educação, 2001) verifica-se que estes documentos promovem a importância do domínio da Língua Portuguesa, como aspecto decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no sucesso escolar e no exercício pleno da cidadania. Relativamente à leitura, tanto o Programa como o Currículo Nacional determinam que os jovens desenvolvam um conhecimento da língua que lhes permita serem leitores fluentes e críticos.

No Programa de Português do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2009), é destacada a necessidade de levar a cabo uma aprendizagem gradual de procedimentos de compreensão e de interpretação textual, associados à promoção do desenvolvimento linguístico dos alunos e à sua formação como leitores. O mesmo Programa apela à utilização dos elencos de textos e de autores estabelecidos no Plano Nacional de Leitura.

Poder-se-á dizer que, ao longo dos tempos, a formação de leitores não foi esquecida, pois tanto o Programa Nacional do Ensino Básico (Ministério da Educação, 1991), o Currículo Nacional (Ministério da Educação, 2001) e, presentemente, os novos Programas de Português (Ministério de Educação, 2009) fazem referência à necessidade de formação de leitores e da importância da leitura.

Para Frank Smith (2003, citado por Viana & Martins, 2009), “o desejo de aprender a ler com que as crianças entram na escola é a nossa oportunidade. A falta dele à saída é da nossa responsabilidade”.

A escola tem por missão incentivar os alunos a ler, proporcionando um encontro efectivo e agradável com os livros, desde de chegam à escola até ao dia que em que saem.

À escola compete proporcionar o encontro do leitor com o livro, nomeadamente com as crianças e jovens oriundos de famílias onde não existem hábitos de leitura. Para que se possa desenvolver o prazer na leitura é fundamental que a escola crie situações propícias a uma leitura diferente.

Para Viana e Martins (2009), a família e a escola não são sistemas separados, mas em articulação. Isto quer dizer que se a promoção de hábitos de leitura for bem sucedida na escola, ela terá repercussões no ambiente familiar, com o aumento da leitura por parte dos restantes familiares.

Em suma, a escola tem um papel preponderante na promoção da leitura e na formação de leitores. No entanto, não podemos esquecer que o trabalho da escola deve envolver o professor, com toda a sua capacidade de mobilizar os seus alunos para esta actividade, socorrendo-se de todos os recursos que tem disponíveis.

1.4.2.1 O Papel dos Professores

Promover a aprendizagem da leitura é, como vimos, um processo longo, complexo e repartido por diversos contextos. Este facto, mais que um obstáculo, deverá ser considerado como um desafio que os professores devem assumir como parte integrante das suas tarefas educativas.

Para Pennac (2001), o professor, para além de conhecer todo o processo de compreensão da leitura, tem também a função fundamental que é fomentar nos alunos o gosto pela leitura, seleccionando, por um lado, um livro ou um texto que lhes interesse, e, por outro, apresentar-lhes o caminho que lhes permitirá tirar prazer da leitura, partilhando, por exemplo, a suas próprias leituras.

A concepção que o professor tem sobre a leitura é essencial na maneira como projecta as suas experiências no desenvolvimento da sua acção educativa. Na opinião de Solé (1992), um professor que não tem um bom relacionamento com a leitura, dificilmente poderá fomentar na criança o gosto e o prazer de ler.

Os professores que iniciam os seus alunos na leitura devem ser bons leitores, pois um professor necessita de gostar de ler, precisa de ler muito e necessita de se comprometer com o que lê.

Quando o objectivo é formar leitores, o professor deve incrementar actividades conducentes à criação de expectativas de leitura, antecipação de sentidos, transformação, mudança, adaptando e desenvolvendo a sua prática pedagógica de modo a que a criança se sinta motivada e descubra o verdadeiro prazer no acto de ler.

Adultos bem informados e conhecedores do papel fundamental que desempenham na formação de hábitos de leitura, conduzirão, num sentido mais lato, à formação de cidadãos despertos e com curiosidade intelectual.

1.4.3 As Bibliotecas

A educação enfrenta nos nossos dias desafios enormes. As bibliotecas são extremamente importantes na edificação do conhecimento, na medida em que podem contribuir para uma igualdade de oportunidades de acesso à informação, garantindo a qualquer pessoa, o acesso a todo o tipo de informação.

A biblioteca deve ser um espaço de democratização, ao nivelar as desigualdades sociais e culturais existentes entre os alunos, fornecendo a todos, sem excepção, os mesmos recursos e oportunidades. Assim sendo, as bibliotecas devem ser espaços de

convivência com o livro e outros suportes de informação, possibilitando actividades de leitura diversificadas e atraentes.

Para Pontes e Azevedo (2009), a biblioteca, quando surgiu, tinha como incumbência a organização dos poucos livros que se produziam, para serem transmitidos de geração em geração. No século XXI, segundo os mesmos autores, este quadro foi alterado, a sociedade sofreu mudanças, desenvolveu-se e exige o acesso à informação; os livros encontram-se na biblioteca para serem lidos. A biblioteca deixou de ser um local onde se guardavam e armazenavam livros para ser entendida como um espaço de interacção e intervenção.

Face à alteração do papel das bibliotecas na sociedade actual, a biblioteca escolar deve ter a capacidade de oferecer aos seus utilizadores um diversificado leque de recursos e ser um espaço privilegiado para o desenvolvimento das literacias.

O manifesto da UNESCO sobre bibliotecas escolares (1999,) refere que elas deverão “disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitam a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação” (p. 1). A biblioteca escolar surge como uma porta que visa aceder ao conhecimento e ao mundo da informação.

Na opinião de Sanches (2007), a biblioteca escolar é um organismo central da escola e deve proporcionar a todos os alunos o acesso a um conjunto de informações que enriqueça, realmente, o seu conhecimento. Partilhando da mesma ideia, Calixto (1996) refere que a biblioteca deve ser vista como um recurso essencial da escola, sendo necessária na formação dos indivíduos e no desenvolvimento das suas capacidades. O mesmo autor alerta, para o facto de que a inexistência de uma biblioteca penaliza os alunos que não tem acesso ao livro e à leitura, afastando-os de uma integração na sociedade da informação.

Em 1996, foi lançado em Portugal o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares com o objectivo de criar bibliotecas nas escolas dos vários níveis de ensino capazes de se constituírem como estruturas centrais de apoio às aprendizagens, ao desenvolvimento das literacias e à formação global dos alunos, proporcionando uma melhoria no sucesso e na inclusão escolar.

Segundo o Programa das Rede de Bibliotecas Escolares (Ministério da Educação, 1996), as bibliotecas têm como funções o desenvolvimento da competência informacional, formação de leitores e promoção do hábito de leitura.

De acordo com o relatório síntese da Rede de Bibliotecas Escolares (1997, p. 2) a biblioteca deve ser um local aprazível e acolhedor, com recursos disponíveis promotores de informação e cultura, onde os alunos possam adquirir competências e autonomia no domínio da informação escrita, digital e multimédia e realizem documentos em linguagem e suportes diferenciados. A biblioteca é encarada como recurso essencial da escola, sendo de

importância suprema na formação dos indivíduos, no desenvolvimento das suas capacidades e atitudes.

O mesmo documento faz referência à biblioteca como sendo um espaço também importante para os docentes, na medida em que o professor tem aos seu dispor informação variada e em diversos tipos de suportes que pode utilizar nas actividades em contexto de sala de aula, recorrendo ao professor bibliotecário para definir estratégias para desenvolver nos alunos o prazer de ler e para promover a aprendizagem centrada na procura autónoma da informação.

Na opinião de Conde (2010), as bibliotecas escolares são cada vez mais estruturas pedagógicas que se envolvem com as escolas e com as comunidades, cooperando com os docentes e com os alunos de forma a responder às necessidades educativas.

Para esta autora, as bibliotecas são encaradas, actualmente, como espaços criativos de trabalho onde se desenvolvem actividades escolares em ambientes colaborativos.

Segundo Santos (2010), presentemente, não são só os alunos e professores que se deslocam à biblioteca. É também o professor bibliotecário que se desloca às salas, preparando e executando aulas em conjunto com o professor da turma. O professor bibliotecário deve colaborar em projectos desenvolvidos pela escola, pelos professores titulares de turma, através do envolvimento com os mesmos projectos, disponibilizando bibliografia ou outras sugestões de matérias e de trabalho adequados ao projecto em causa. Deve haver assim uma interacção entre o professor bibliotecário e o Projecto Educativo do Agrupamento, Projectos Curriculares de Escola e Turma e o Plano Anual de Actividades.

Estas orientações vão de encontro à portaria n.º 756/2009, de 14 de Julho, (designação de professores bibliotecários) que define, de acordo com o artigo 3.º, alíneas f) e g) que o professor bibliotecário deve

“f) apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada;

g) apoiar actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de actividades ou projecto educativo do agrupamento ou da escola não agrupada.”

Após treze anos sobre a criação do Programa de Rede de Bibliotecas Escolares, Conde (2010) refere que as bibliotecas se tornaram um lugar privilegiado das actividades escolares, focando o papel que as bibliotecas têm na formação de leitores e na promoção de hábitos de leitura, através da oferta diversificada de obras. No balanço feito por esta autora sobre o programa, é focada a importância do reforço de parcerias realizadas pelas

bibliotecas escolares e outros programas, nomeadamente, o Plano Nacional de Leitura e o Plano Tecnológico da Educação, com os quais as bibliotecas escolares partilham objectivos e estratégias de intervenção, de forma a contribuir para alcançar os objectivos do programa de Rede de Bibliotecas Escolares. A mesma autora refere o Projecto “a Ler+” como exemplo dessa mesma parceria, associando a iniciativa das bibliotecas escolares com os grandes objectivos do Plano Nacional de Leitura. Outro aspecto referido pela autora diz respeito à cooperação existente entre as autarquias e respectivas bibliotecas municipais que tem vindo a reforçar-se, fruto da necessidade de rentabilizar recursos existentes. O papel do coordenador interconcelhio da rede de bibliotecas escolares tem assumido um papel muito importante para estabelecer a articulação entre as escolas, as autarquias e as bibliotecas municipais.

Para Correia (2010), as bibliotecas escolares devem levar a cabo actividades que desenvolvam as competências leitoras dos alunos, para além de disponibilizarem recursos documentais. Segundo esta coordenadora, esta valência é importante, na medida em que, não basta o livro para fazer o leitor. É fundamental organizar eventos relacionados com a leitura.

Partilhando da mesma linha de pensamento, Calçada (2010) opina dizendo que às bibliotecas compete formar leitores mais capazes, criativos, competentes e utilizadores de equipamentos mais diversificados culturalmente, capazes de utilizar os diferentes suportes de leitura e escrita, as novas técnicas de reprodução e disseminação de informação, de forma eficaz e crítica.

Por tudo o que foi escrito sobre as bibliotecas, podemos dizer que, a par da família e da escola, a biblioteca assume uma enorme importância na questão da formação de leitores, devido às suas responsabilidades nesta área.

1.5 Plano Nacional de Leitura

O Governo, em 2006, com base nos vários estudos nacionais (Freitas, Casanova & Alves, 1997; Sim-Sim, 2001; Lopes, 2004; Sim-Sim & Silva, 2006) e internacionais (Pisa 2000; Pisa 2003), que apontavam para os baixos índices de hábitos de leitura e para os reduzidos níveis de literacia da população portuguesa, implementou o Plano Nacional de Leitura, aprovado na resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006, de 12 de Junho. O Plano Nacional de Leitura (PNL) tem como objectivo central ajudar a elevar os níveis de literacia dos portugueses e colocar o país a par dos seus parceiros europeus.

Esta iniciativa, da responsabilidade do Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministério dos Assuntos Parlamentares, procura dar

resposta aos níveis de iliteracia da população, em geral, e dos jovens, em particular. Segundo a Resolução do Conselho de Ministros atrás referida, os objectivos nucleares do Plano Nacional de Leitura são:

“fomentar a leitura, assumindo-a como factor de desenvolvimento individual e da sociedade, desenvolver um ambiente favorável à leitura, inventariar e valorizar práticas pedagógicas e outras actividades que estimulam o prazer de ler entre crianças, criar instrumentos que permitam definir metas cada vez mais precisas para o desenvolvimento da leitura, melhorar as competências dos actores sociais, desenvolver a acção de professores e de mediadores de leitura, consolidar e ampliar o papel da rede de bibliotecas públicas da rede das bibliotecas escolares no desenvolvimento de hábitos de leitura e atingir resultados gradativamente mais positivos em estudos nacionais e internacionais da avaliação em literacia”

O PNL apresenta linhas de estratégia, fortes, abrangentes e arrojadas com vista a expandir e diversificar as actividades de promoção de leitura, quer em contexto escolar e na família, quer em outros contextos da nossa sociedade, colaborar na criação de um ambiente propício à leitura, garantir formação e recursos de apoio, catalogar e reestruturar recursos e competências e ainda criar e manter o sistema de informação e avaliação.

Esta intervenção está a ser concretizada em torno de quatro eixos fundamentais: escola, família, bibliotecas públicas e outros espaços não convencionais de leitura.

Como os estudos demonstram que as competências básicas de leitura ou se adquirem precocemente, nas primeiras fases da vida, ou então surgirão dificuldades que se vão acumulando, aumentando e transformando em obstáculos difíceis de superar, o Plano Nacional de Leitura pretende estimular o prazer de ler nas crianças e nos jovens, intensificando o contacto precoce com os livros e a leitura na escola, concretamente em contexto de sala de aula e nas bibliotecas escolares.

Para que este pressuposto seja concretizado, numa primeira fase o público-alvo prioritário foram as crianças e os jovens do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico. Para isso, foram definidos tempos destinados à leitura dos diferentes níveis de escolaridade, que devem ser diários no jardim-de-infância e no 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), passando a semanais nos restantes graus de ensino.

Assim, no 1.º CEB, as crianças devem dedicar uma hora por dia à leitura e à escrita, centradas em livros ajustados à competência linguística e aos seus gostos e interesses. Em relação aos outros anos de escolaridade, deve ser incluído um tempo lectivo, de 45 minutos, na planificação semanal das aulas de Língua Portuguesa.

Para realizarem actividades de leitura, os professores podem utilizar orientações fornecidas on-line, que incluem não só listagens de obras adequadas às diferentes faixas etárias, como também sugestões de estratégias de animação do livro e indicações para avaliação dos alunos.

A família surge como uma área de intervenção fundamental. As famílias desempenham um papel importante para a criação de hábitos de leitura em casa, tirando partido dos tempos livres. O Plano Nacional de Leitura propõe a partilha de momentos de leitura, entre crianças, pais, avós e outros familiares para depois as crianças se irem tornando, progressivamente, mais autónomas.

Com este propósito, o Plano Nacional de Leitura lançou dois programas de promoção de leitura com a família, destinados a crianças de faixas etárias distintas. Por um lado, estes programas motivam o envolvimento dos pais e familiares em actividades de promoção de leitura na escola e momentos de leitura a par, realizados em casa, tendo por base o empréstimo domiciliário dos livros existentes nas bibliotecas escolares.

As bibliotecas públicas contemplam diversos programas de promoção de leitura, a decorrer nas suas instalações ou noutros espaços da comunidade, destinados a públicos de diferentes grupos etários, desde que nascem até aos dezoito anos. Além das iniciativas pensadas para este público, estão previstas actividades para jovens universitários e incluem encontros com os escritores, debates, conferências, ateliês de escrita criativa e exposições.

Para os espaços não convencionais de leitura, como os hospitais, os centros de saúde, centros de terceira idade, prisões e centros educativos de reinserção, estão previstos programas que contemplam actividades tais como concursos de leitura, exposições sobre autores, horas do conto e secções de leitura.

Segundo a Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006, de 12 de Junho, o Plano Nacional de Leitura prevê duas fases, de cinco anos cada.

A primeira fase teve início no ano lectivo de 2006/2007 e termina em 2011. Para esta fase foram preparados programas de intervenção, programas de formação, estudos e modelos de avaliação, campanhas de comunicação, estruturas de coordenação e acompanhamento. A primeira fase terminará com a divulgação dos estudos e dos resultados da avaliação dos programas, concretizados durante os cinco anos.

O Plano Nacional de Leitura, para conseguir atingir os objectivos a que se propôs, estabeleceu parcerias com organismos públicos e privados, nomeadamente autarquias, fundações, empresas e organizações na área da saúde. A par das parcerias, o Plano Nacional de Leitura criou alguns projectos e iniciativas como as que são apresentadas no Quadro n.º 1.

Projectos	Objectivos
Ler + para vencer	Oferecer um livro a cada aluno que ingressa no primeiro ano e no quinto ano, associando o gosto pela leitura à entrada no novo ciclo de escolaridade.
Semana da leitura	Dinamizar as escolas para que se estimulem dinâmicas que evidenciem, nestas, e nas comunidades em que elas se inserem, ambientes em que a leitura e os livros estejam presentes em toda a parte.
Crescer a ler	Iniciativa da associação de profissionais da educação de infância. O objectivo é cultivar o gosto pela leitura e promover o gosto pela leitura em contexto familiar.
Já sei ler	Destina-se a alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. O objectivo é promover a leitura em família e a interacção escola/família.
Leitura em vai e vem	Destinado a crianças da educação pré-escolar, tem como objectivo promover a leitura em família.
Ler + em vários sotaques	Iniciativa conjunta com o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, tem como objectivo promover a leitura junto dos alunos, independentemente da sua nacionalidade.

Quadro n.º 1: Iniciativas do Plano Nacional de Leitura

Para além dos projectos apresentados, o Plano Nacional de Leitura divulga e estimula a participação das escolas em concursos literários. Todos os concursos remetem para um objectivo concreto que é o da promoção da leitura, sendo de fácil acesso e participação através do sítio do Plano Nacional de Leitura (www.planonacionaldeleitura.gov.pt). Aí, é disponibilizado um conjunto de ferramentas para a promoção de leitura, direccionadas, essencialmente, para as escolas, para as famílias e para profissionais envolvidos, de forma variada, nessa promoção.

No que diz respeito à avaliação do Plano Nacional de Leitura, realizada anualmente, segundo o relatório de avaliação do ano de 2010, são de destacar os seguintes aspectos: o reforço das actividades de leitura nas escolas, a adesão a iniciativas propostas, nomeadamente, à semana da leitura, o uso de recursos electrónicos, onde se evidencia a biblioteca de livros digitais, a receptividade dos encarregados de educação aos projectos de promoção de leitura, a percepção dos professores acerca dos efeitos, nos alunos, tanto em relação às práticas de leitura, como o gosto pela leitura e também às competências de leitura, a dinamização da biblioteca, a intensificação do trabalho de equipa, entre os professores, e as alterações/ inovações ao nível das práticas pedagógicas. Na perspectiva dos professores, o balanço dos quatro anos de implementação do PNL é muito positiva, dado que os professores promovem mais actividades de leitura e os alunos lêem mais.

Face a estas conclusões pensámos fazer um estudo, centrado numa turma do 1.º ano de escolaridade, composta por vinte alunos, para verificar até que ponto, o Plano Nacional de Leitura poderá contribuir para a formação de leitores.

CAPÍTULO II

ESTUDO EMPIRICO

2.1 Procedimentos Metodológicos

Neste trabalho, optámos por uma abordagem qualitativa por ser aquela que está mais próxima das ciências sociais, onde o investigador interpreta respostas com alguma flexibilidade.

A investigação qualitativa tem por base técnicas de recolha de dados descritivos e a sua análise cuidadosa. Algumas técnicas privilegiadas nesta investigação são a observação dos sujeitos, entrevistas, notas de campo, consulta de registos biográficos, consulta de documentos históricos e jornalísticos.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa permite obter um conhecimento mais aprofundado do objecto de estudo porque os dados são recolhidos através de um contacto muito aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos naturais. Além disso, permite ao investigador descrições mais pormenorizadas dos fenómenos a estudar e a interpretar. Poder-se-á dizer que neste tipo de investigação a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.

Dentro desta perspectiva, optámos também pela investigação-acção em que o intuito dos investigadores é conhecer o sujeito como pessoa sendo privilegiado o processo pelo qual a investigação se desenvolve, em detrimento dos resultados obtidos pelo mesmo.

Quando se realiza investigação-acção, dados os constrangimentos próprios do comportamento humano, não haverá a preocupação de obter um conjunto de conhecimentos teóricos generalizáveis, mas antes um conjunto de conhecimentos práticos, apoiados por uma base teórica e por um quadro metodológico.

No decurso da investigação, os professores tornam-se investigadores, na medida em que, a sua actividade se centra na intervenção no terreno. Segundo Cohen (1994, citado por Bell 1997), a investigação-acção apresenta várias características que passamos a referir: prática, colaborativa, cíclica e auto-avaliativa. É prática, na medida em que o seu objectivo é lidar com problemas verídicos, procurando diagnosticar um problema num contexto particular e solucioná-lo nesse mesmo contexto. A mudança é vista como parte integrante da investigação. Uma outra particularidade é ser colaborativa devido a ser um trabalho que pode envolver os professores e os investigadores. Os professores são os principais intervenientes no processo de investigação, sendo a sua participação activa.

Ser cíclica significa que a investigação envolve um conjunto de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança que são então implementadas e avaliadas como introdução ao ciclo seguinte. Ser auto-avaliativa, quer dizer que as modificações são continuamente avaliadas e monitorizadas, numa perspectiva de flexibilidade e adaptabilidade.

Diversos autores definem o procedimento da investigação-acção como um ciclo em espiral. Na perspectiva de Lessard (1996), o termo ciclo é utilizado no sentido de um conjunto ordenado de fases que, uma vez completadas, podem ser retomadas para servirem de estrutura à planificação, à realização e à validação de um segundo projecto e assim sucessivamente.

Esse ciclo em espiral compreende várias fases, nomeadamente, a planificação onde são definidos o problema, o projecto e a medição. A segunda fase é denominada de acção que está subdividida na implementação do projecto e no processo de observação. A terceira e última fase é a reflexão onde é feita a avaliação do projecto.

Cohen e Manion (1994) consideram que as várias fases do processo de investigação-acção devem ser constantemente monitorizadas por uma variedade de mecanismos (questionários, diários, entrevistas, estudos de caso, etc.). É esta observação rigorosa de situações e factos que permite efectuar modificações, reajustamentos, redefinições, mudanças de direcção.

Esta modalidade de investigação torna-se apelativa e motivadora, na medida em que coloca a tónica na componente prática e na melhoria das estratégias de trabalho utilizadas, o que conduz a um aumento significativo na qualidade e eficácia da prática desenvolvida. Foram estas as razões que nos levaram a optar por ela. O presente estudo pretende perceber de que modo o Plano Nacional de Leitura contribui para a formação de leitores. Para responder a esta questão de investigação, propusemo-nos atingir determinados objectivos, nomeadamente, promover actividades com a biblioteca escolar, promover estratégias de leitura em contexto de sala de aula, envolver os pais na criação de hábitos de leitura. Para que, estes objectivos sejam exequíveis foi necessário calendarizar determinadas actividades e implementá-las em contexto de sala de aula. Após a implementação procedeu-se à sua avaliação e à formulação de determinadas conclusões.

2.2 Instrumentos de Recolha de Dados

Na investigação-acção, uma das formas de recolher dados consiste na observação participante, por parte do investigador, dos trabalhos realizados pelos alunos da turma, enquanto se aplicam as estratégias.

Segundo Bell (1997), a observação proporciona ao investigador estar próximo do objecto de estudo e verificar no preciso momento as reacções dos sujeitos. O professor/investigador pode captar como é que os protagonistas constroem, actuam e interpretam as estratégias sugeridas.

Outra forma de recolha de informação é a análise dos documentos elaborados, quer pelos alunos, quer pelos pais, nomeadamente, as respostas a questionários, com perguntas abertas e fechadas, no sentido de aferir determinadas informações necessárias para o estudo, bem como dos trabalhos e testes realizados pelos alunos após a implementação de cada actividade didáctica.

Para a realização do presente estudo, foram planificadas e realizadas actividades no âmbito do Plano Nacional de Leitura. As planificações das actividades foram realizadas pela responsável do estudo, sendo de realçar ainda a participação do professor bibliotecário.

As actividades implementadas tiveram como objectivo promover a leitura e a formação de leitores em contexto de sala de aula.

2.3 Caracterização da amostra

A caracterização da amostra foi elaborada com base nos dados recolhidos a partir de um inquérito por questionário aos encarregados de educação.

A amostra deste estudo corresponde a uma turma de vinte e cinco alunos, com idades compreendidos entre os cinco e os seis anos de idade, matriculados no primeiro ano de escolaridade. A turma era constituída por treze alunos do sexo feminino e doze alunos do sexo masculino.

Todos os alunos têm como encarregado de educação as mães. As habilitações académicas dos pais variam entre o 1.º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Universitário, como podemos observar a partir do quadro n.º 2.

	1.º Ciclo		2.º Ciclo		3.º Ciclo		Secundário		Universitário		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Mãe	1	4%	4	16%	3	12%	11	44%	6	24%	25	100%
Pai	4	16%	4	16%	4	16%	11	44%	2	8%	25	100%
Total	5	10%	8	16%	7	14%	22	44%	8	16%	50	100%

Quadro n.º 2: Habilitações literárias dos pais

Em termos profissionais, os pais e as mães dos alunos desempenham várias profissões. Em relação aos pais, oito deles são operários fabris ou seja 32%. Relativamente às mães, cinco delas são professoras, o que correspondem a 20%, e quatro são operárias fabris, o que equivale a 16%. Podemos constatar que globalmente a profissão de operário fabril é a mais numerosa, ou seja 32% dos pais e 16% das mães exercem essa profissão.

Um outro aspecto a referir é que três mães, ou seja 12% e três pais também 12% se encontram desempregados, por isso não constam no quadro que se segue.

Profissões	Profissão dos Pais		Profissões das Mães	
	n	%	n	%
Agricultor	1	4%	0	0
Assistente Operacional	0	0	1	4%
Auxiliar de Lar	0	0	1	4%
Comercial	2	8%	0	0
Delegado de Informação Médica	1	4%	0	0
Empregada de Balcão	0	0	2	8%
Empregada Doméstica	0	0	3	12%
Empresário	2	8%	0	0
Engenheiro	1	4%	0	0
Enóloga	0	0	1	4%
Escriturário	0	0	2	8%
Fiel de Armazém	1	4%	0	0
Operário Fabril	8	32%	4	16%
Professor/ Professora	1	4%	5	20%
Serralheiro	3	12%	0	0
Sócio-gerente	1	4%	0	0
Técnico Reinserção Social	1	4%	1	4%
Trabalhadora Independente	0	0	1	4%
Totais	22	88%	22	88%

Quadro n.º 3: Profissão dos pais.

Quanto aos agregados familiares, verifica-se que são pouco numerosos pois a maioria é constituída por quatro pessoas.

Todos os alunos se inscreveram e frequentam, com regularidade, as Actividades de Enriquecimento Curricular. Na sua generalidade, são alunos assíduos e pontuais, à excepção de três alunas.

No quadro n.º 4, apresentamos os dados relativos às respostas dos alunos sobre o modo como ocupam os tempos livres.

Brincar		Andar Bicicleta		Ouvir Música		Passear		Pintar		Ver Televisão		Ouvir Histórias		Natação	
14	56%	5	20%	1	4%	7	28%	2	8%	6	24%	1	4%	1	4%

Quadro n.º 4: Ocupação dos tempos livres

A partir da análise dos dados apresentados no quadro, podemos concluir que a maioria dos alunos passa o seu tempo livre a “brincar”, seguindo-se o grupo dos que os ocupa a “passear”. Relativamente, ao “ouvir histórias” podemos constatar que só uma criança tem por hábito ouvir histórias nos seus tempos livres.

2.3.1 Caracterização do Meio

A escola situa-se, num concelho do distrito de Viseu e dista cerca de 5 Km da sede do concelho e 26 Km da sede do distrito. Localiza-se num meio rural, no planalto beirão, entre os rios Dão e Mondego, tendo a sudeste a Serra da Estrela.

No concelho, para lá dos dois edifícios escolares pertencentes ao 1º Ciclo do Ensino Básico, existem um Jardim de Infância (Público) e uma Escola C+S. A par destas instituições escolares, há também uma escola privada que funciona como creche, jardim de Infância e como ATL.

Nesta localidade, temos ainda uma Biblioteca, um Posto Médico, Correios, Bombeiros, G.N.R., um grupo de cantares, um grupo de teatro, duas farmácias, duas instituições bancárias, padaria, papelarias, cafés, restaurantes, sapatarias, prontos-a-vestir, talhos, drogarías,

A maioria da população trabalha nos sectores secundários e terciários. Há, também, algumas indústrias instaladas nas imediações, as quais abrangem uma fatia considerável da população local. No entanto, o sector industrial começa a ter um nível crescente de desempregados.

Em termos agrícolas, a principal produção regional está directamente relacionada com o cultivo da oliveira e, sobretudo, da vinha.

Há ainda uma estufa de flores instalada nas imediações da vila, muito embora essa produção floral se destine mais ao mercado das zonas do litoral que ao da localidade / região.

2.3.2 Caracterização da Escola

A Escola do 1º CEB tem uma turma do 1.º ano, uma turma com 1.º e 2.º ano; uma com 2º ano e uma turma com 4.º ano. O edifício é composto por quatro salas de aula (pouco espaçosas); um pequeno espaço interior de entrada destinado à recepção, atendimento aos Encarregados de Educação e atendimento telefónico; uma arrecadação, um espaço destinado à colocação da caldeira do aquecimento escolar, vários sanitários e, também, uma residência para professores (actualmente ocupada por uma auxiliar da acção educativa).

O espaço exterior é composto por alpendres e por um recreio, vedado com rede e com três portões de acesso à rua (um grande e dois pequenos).

O corpo docente que trabalha neste edifício escolar é composto por cinco professores: quatro titulares de turma e um professor para apoio educativo. O corpo não docente é composto por três funcionárias, com horário completo e uma a tempo parcial.

A escola funciona em regime normal: de manhã das 9h às 12h30m, com intervalo das 10h30 às 11h, e de tarde das 14h às 15h30m. No entanto, o edifício escolar abre às 8h05m e encerra às 18h30m. As Actividades de Enriquecimento Curricular decorrem das 15h45m às 17h30m e incluem o apoio ao estudo, inglês, educação física, expressões e Plano Nacional de Leitura.

2.4 Plano de Actividades

As actividades desenvolvidas tiveram como objectivo comum a promoção da leitura e a formação de leitores, pois, segundo Azevedo (2007), para se formar um leitor é necessário promover actividades que conduzam ao prazer de ler.

A exploração de livros teve por base o programa de leitura fundamentada na literatura, apresentada por Azevedo (2007). Este programa considera a literatura uma importante componente das actividades de aprendizagem na sala de aula. Os professores devem envolver e estimular os seus alunos a desenvolver processos cognitivos que lhes permitam enriquecer os seus conhecimentos e ligar a literatura com aspectos das suas vidas.

Segundo Pontes e Barros (2007), este programa valoriza o aluno/leitor, o seu conhecimento, as suas experiências e vivências na construção de sentidos, para a interpretação de um texto. É neste contexto que surgem as actividades de pré-leitura, leitura e de pós-leitura. Estas actividades têm objectivos que visam contribuir para a promoção da leitura e formar leitores críticos, competentes e reflexivos. Esses objectivos encontram-se apresentados no quadro n.º 5.

Actividades	Objectivos
Pré-Leitura	Explorar os elementos paratextuais; Favorecer a participação oral; Despertar curiosidade.
Leitura	Preparar o aluno para usar estratégias de compreensão.
Pós-Leitura	Encorajar respostas pessoais; Promover a reflexão sobre o texto.

Quadro n.º 5: Actividades: Pré-leitura, leitura e pós-leitura.

O plano de intervenção previsto incluiu um conjunto de quatro actividades, tendo estas sido realizadas, no âmbito do Plano Nacional de Leitura, com a calendarização apresentada no quadro n.º 6.

Actividades	Calendarização
1. Implementação do Projecto “Já Sei Ler”	De 15 de Outubro de 2010 até ao final do 1.º período.
2. Trabalho sobre o livro “História das cinco vogais” Autora: Luisa Ducla Soares	29 de Outubro de 2010.
3. Visita à Biblioteca	18 de Novembro de 2010.
4. Trabalho sobre o livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal” Autora: Ana Saldanha	9 de Dezembro de 2010.

Quadro n.º 6: Calendarização das Actividades.

2.4.1 Implementação do Projecto “Já Sei Ler”

O Plano Nacional de Leitura propõe, para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, o desenvolvimento do projecto “Já Sei Ler” com o objectivo de promover a leitura em família e a interacção escola/família.

A implementação deste projecto na turma do 1.º ano de escolaridade tem com objectivos: desenvolver o gosto pela leitura, envolver os pais na promoção da leitura, desenvolver a cultura literária das crianças e desenvolver o pensamento crítico.

Para dar início ao projecto foi necessário levar a cabo um conjunto de actividades, nomeadamente a preparação de uma convocatória para a reunião de pais, a preparação de um *PowerPoint* sobre o projecto, a elaboração de um desdobrável e a realização de uma ficha de registo sobre as leituras efectuadas pelos alunos (anexo1B).

A implementação deste projecto tem a duração de um ano lectivo, no entanto neste estudo, a análise incidirá apenas sobre o 1.º período (de Outubro a Dezembro 2010).

“Já Sei Ler” é um projecto que consiste em incentivar os alunos a levar para casa um livro, escolhido na sala de aula, para ser lido em colaboração com um familiar. Na fase em análise da implementação do projecto, esta colaboração da família é fundamental, devido ao facto de estarmos a lidar com alunos do 1.º ano. O livro permanece na posse do aluno por um período de quinze dias, sendo as escolhas feitas à sexta-feira.

Após a leitura do livro, é necessário preencher uma pequena ficha de leitura (anexo1B). Nessa ficha, constam algumas questões relacionadas com o livro, nomeadamente o autor, o título, com quem o aluno efectuou a leitura, uma apreciação do livro e uma ilustração. Esse preenchimento fica a cargo da pessoa que leu a história ao aluno. No entanto, foi pedido aos pais para o preenchimento desta ficha ser realizado em colaboração com os filhos.

Os recursos a utilizar são livros de literatura para a infância de autores e portugueses e estrangeiros. A lista disponibilizada é composta por trinta e três livros de oito autores portugueses e onze autores estrangeiros (anexo1A). Há a salientar que dezanove livros são de autores portugueses. Os livros seleccionados tiveram por base a lista recomendada pelo Plano Nacional de Leitura para alunos do 1.º ano de escolaridade que se encontra no sítio PNL (www.planonacionaldeleitura.gov.pt) e encontram-se disponíveis na biblioteca da escola.

No que diz respeito à avaliação do projecto, esta é realizada no final do mesmo, através do preenchimento de um pequeno questionário, contendo duas questões, com a finalidade de abordar a opinião dos pais. A primeira questão é relacionada com o facto de o projecto, promover o gosto pela leitura e a outra pergunta é sobre pertinência da continuidade do projecto.

2.4.2 Trabalho sobre o livro “ História das Cinco Vogais”

A exploração do livro integrou actividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Para Sim-Sim (2007) as estratégias a utilizar antes de iniciar a leitura servem para activar o conhecimento anterior sobre o tema, antecipar conteúdos com base no título e imagens e explicitar o objectivo da leitura do texto.

A exploração deste livro tem como objectivos fomentar o gosto pela leitura, consolidar a aprendizagem das vogais (identificar as vogais, fazer corresponder a maiúscula à sua minúscula) e trabalhar a consciência fonológica. A sua duração foi de seis horas repartida por dois dias.

Nas actividades de pré-leitura, o professor elabora duas cestas pedagógicas, adereços considerados significativos e relevantes para o contexto da obra que vai ser trabalhada. Neste caso, uma das cestas tem as vogais e a outra tem imagens cujo nome inicia por cada uma das vogais.

A actividade consiste na divisão da turma em grupos de cinco alunos. Cada aluno tem que ir à primeira cesta tirar uma vogal e ir, de seguida, à outra cesta retirar imagens cujo nome tem o som correspondente à vogal retirada.

A finalidade da actividade é que cada grupo construa uma chuva de imagens relacionada com cada vogal, o que permitirá despertar a curiosidade para a leitura do livro e servirá para trabalhar a consciência fonológica.

A aula prossegue com um segundo momento de pré-leitura, onde se deve introduzir o livro a ser lido, apresentando o título, a sua autora e a ilustradora, explorando os elementos paratextuais da capa, através da formulação de algumas questões relacionadas com a mesma (ex: “Porque será que as vogais estão escritas nas nuvens? “; “ O que está a fazer o menino? “; “ Qual a razão do menino estar com um livro na mão?”; “ Como se chamará este menino?”).

O objectivo deste diálogo é que os alunos, com os novos elementos que surgem na ilustração e no título do livro, activem um horizonte de expectativas relevantes para a leitura que irá ser efectuada.

Nas actividades de leitura, a professora lê a história de forma expressiva. Simultaneamente é apresentado um *PowerPoint*.

As actividades de pós-leitura, segundo Sim-Sim (2007), têm a função de automonitorizar o que foi compreendido sobre o texto lido. Assim sendo, uma primeira actividade consiste em levar as crianças a brincar com as vogais, construindo um poema.

Através desta actividade, pretende-se desenvolver nos alunos o gosto pela sonoridade da língua (rima, ritmo, som de palavras).

Para finalizar a exploração da história, é entregue a cada aluno uma ficha (anexo2A) para fazerem a correspondência entre vogais e imagens e outra para colarem palavras recortadas de revistas no espaço reservado a cada vogal (anexo2B).

2.4.3 Visita à Biblioteca Escolar

O desenvolvimento da actividade da visita à biblioteca da escola teve vários objectivos: fomentar o gosto pela leitura, dar a conhecer aos alunos a forma com está organizada a biblioteca e ensinar os alunos a requisitar um livro.

Antes da ida à biblioteca, foi realizada uma apresentação de três imagens (uma casa, uma escola e uma biblioteca) para preparar a actividade na biblioteca. A observação das imagens conduziu a um diálogo sobre as diferenças existentes entre cada uma delas e permitiu avaliar os conhecimentos prévios de cada aluno sobre a função da biblioteca. Para terminar esta actividade de preparação, foi efectuada uma tarefa que constava em relacionar várias imagens com as imagens apresentadas no início da actividade.

Na biblioteca, os alunos foram informados de como esta se encontra organizada. Os alunos, através de um pequeno diálogo e da visualização de um *PowerPoint* (anexo3A), participaram numa demonstração sobre como podem utilizar a biblioteca. Esta demonstração consta da apresentação de várias imagens, com atitudes correctas e incorrectas, que visa desencadear um diálogo sobre a utilidade de uma biblioteca e sobre as regras da sua utilização.

De seguida, os alunos realizam alguns jogos sobre o tema e preenchem uma ficha como forma de dinamização de grupo e destinada a verificar se a informação veiculada terá sido entendida e assimilada (anexo3B).

Para finalizar as tarefas efectuadas na biblioteca, é lida e explorada a história “A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas”, de Luísa Ducla Soares, e requisitado um livro, por cada aluno.

Em contexto de sala de aula é elaborado um painel colectivo, cujo título será “Para mim ler é...” e também é feito um marcador de livro. Esta actividade tem a duração de seis horas: é iniciada no dia anterior à visita à biblioteca e é concluída no dia a seguir à visita.

2.4.4 Trabalho sobre o livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”

A exploração da obra tem como objectivos fomentar o gosto pela leitura e trabalhar conceitos como a amizade, a felicidade e a diferença entre bens materiais e bens morais.

Nas actividades de pré-leitura, a primeira tarefa é o “estendal de histórias”. Levando um estendal (feito com um cordel) para a sala de aula e algumas molas, a professora estende os fantoches ou imagens de várias personagens que aparecem no livro. De seguida, solicita aos alunos para que identifiquem as personagens ali presentes, assim como as histórias onde elas entram.

No segundo momento, e depois de devidamente exploradas as personagens, a professora realiza com os alunos uma espécie de *brainstorming* acerca dos temas da obra que irão ler. Este esquema é realizado no quadro, ou em papel de cenário, pela professora com a colaboração dos alunos.

Para terminar as actividades de pré-leitura, a professora faz a apresentação do livro à turma, mostrando a capa e o título, perguntando se alguém quer acrescentar mais temas ao resultado do *brainstorming* anterior.

Durante a leitura da história, a professora vai lendo e pedindo a um aluno para ir retirando do estendal as personagens pela ordem em que elas surgem na história. Estas são colocadas junto à imagem da casa do Pai Natal, tornando, assim, a leitura mais interactiva.

Nas actividades de pós-leitura, é reformulado o resultado do *brainstorming* elaborado anteriormente, com informação textual. Para fomentar a discussão oral, a professora colocará determinadas questões para trabalhar conceitos como amizade, felicidade, bens materiais e bens morais.

Para finalizar, os alunos são agrupados em pequenos grupos, com a finalidade de criarem, oralmente e utilizando o desenho, uma mistura de histórias. Aos alunos, é pedido que escolham três personagens da história e inventem uma história.

As histórias criadas são apresentadas à turma e, posteriormente, a outras turmas da escola, como forma de promover a leitura.

A avaliação das actividades é feita através da realização de uma ficha para testar a compreensão da história.

Esta actividade tem a duração de seis horas. Sendo iniciada num dia e terminada no dia seguinte.

2.5 Avaliação de Actividades

Após a apresentação das actividades seleccionadas e adaptadas, tendo em atenção a faixa etária deste grupo de alunos e o Plano Nacional de Leitura, vamos fazer uma análise e reflexão sobre os resultados alcançados com cada uma delas.

2.5.1 Avaliação da Implementação do Projecto “Já Sei Ler”

Para fazer uma análise do modo como decorreu a implementação do Projecto “Já Sei Ler”, foi necessário elaborar tabelas com resumos de informação (anexo 1).

Esta informação foi recolhida a partir da ficha preenchida após a leitura de cada livro. Numa primeira fase, foi elaborada uma tabela por aluno onde constam dados relativos ao nome dos livros lidos, os seus autores, com quem os alunos leram os livros, se gostaram do livro ou não e a sua opinião sobre cada livro lido (anexo1C).

A partir da recolha de dados, organizou-se a tabela onde podemos verificar que todos os livros pertencentes à lista apresentada inicialmente para o projecto “Já Sei Ler” foram lidos. Podemos constatar que oito alunos leram os livros “Emília e o chá de tília”, “Os animais fantásticos” e “E se eu fosse uma fada”. Todos os alunos manifestaram terem gostado de ler estes livros (anexo1F).

Os livros menos lidos, apenas por um aluno, foram “A Rosinha, o mar e os sonhos”, “A menina que detestava livros”. No entanto, os leitores destes livros manifestaram ter gostado de os ler.

Podemos ainda verificar que apenas quatro dos livros lidos obtiveram opiniões negativas, nomeadamente “O sapo tem medo”, “Animais fantásticos”, “Nham-Nham” e o “Dinossáurio Belisário”. Contudo, parece-nos importante referir que a maioria dos alunos que leram estes livros manifestou opiniões positivas sobre os mesmos.

No que diz respeito ao livro “Nham-Nham”, que obteve duas opiniões negativas, é importante referir que ambos os alunos justificaram não terem gostado porque as histórias falavam de animais que “comiam outros animais” (anexo1G, tabela 23).

As opiniões negativas sobre os livros levam-nos a pôr em causa a adequação destes livros a esta faixa etária.

Outro aspecto que nos foi possível analisar foi a quantidade de livros lidos por cada aluno. Através da análise dos dados apresentados no (anexo 1D) podemos constatar que houve uma variação quanto ao número de livros lidos por cada aluno. Dois alunos leram um total de oito livros, sendo estes os alunos que mais leram. Podemos também verificar que onze dos vinte e cinco alunos leram sete livros cada um. Três alunos leram cinco e quatro

alunos seis livros. É de realçar o facto de três alunos somente terem lido três livros. Pensamos que a justificação para esta situação se deve ao facto da família não ter estado disponível para acompanhar a criança na leitura.

É importante, também, analisar os dados sobre quem acompanha a criança durante a leitura para podermos compreender até que ponto a escola teve a capacidade de envolver a família no projecto, assumindo a importância que a família tem na formação de leitores e a necessidade de haver articulação de esforços entre estas duas instituições.

A tabela apresentada no (anexo 1E) possibilita-nos verificar o envolvimento da família. A mãe é o membro da família que mais se compromete na leitura de livros aos seus filhos. Dos vinte e cinco alunos, vinte e três lêem com as suas mães. Salientamos ainda o facto de três alunos só terem sido acompanhados na leitura pelas mães e apenas dois alunos não puderam contar com esse apoio. Um destes alunos teve a ajuda da irmã.

Relativamente ao envolvimento dos pais, temos catorze pais que efectuaram leitura com os seus filhos. Há também dez alunos que disseram que leram com os seus irmãos mais velhos e cinco alunos envolveram os seus avós nas leituras efectuadas.

Um outro aspecto relevante é a opinião, relacionada com os livros lidos, emitida pelos alunos. Esta opinião altera consoante o livro. Há alunos que dão a sua opinião relativamente ao conteúdo do livro, outros em relação à forma como está escrito e outros fazem ainda referência à ilustração, aos desenhos. É importante salientar que, para o mesmo livro, há opiniões convergentes e divergentes. Podemos verificar isso relativamente ao livro “Lavar, escovar e esfregar”, em que todos os seis alunos justificam que gostaram do livro pelo seu conteúdo, ou seja, em relação a este livro houve justificações iguais. Já em relação ao livro “Onde tudo aconteceu”, por exemplo, podemos verificar que as opiniões são divergentes, na medida em que um aluno justifica ter gostado do livro pelo seu conteúdo e outro aluno fez referência ao modo como estava escrito (anexo 1G, tabela n.º1).

Após esta análise de dados respeitante à ficha de leitura de cada aluno, passamos a analisar duas questões que foram colocadas aos pais, no final do primeiro período, relativamente a este projecto (anexo 1H). Ao analisar os resultados verificamos que a maioria dos pais, 96% vê o projecto, como boa estratégia, promotora da leitura, junto das crianças. Os mesmos pais manifestaram a opinião de que o projecto deve continuar.

2.5.2 Avaliação do Trabalho sobre o livro “ História das Cinco Vogais”

Em relação a esta actividade realizada no dia vinte e nove de Outubro de 2010, na primeira parte designada por pré-leitura começámos por dividir a turma em grupos de cinco alunos e apresentámos duas cestas pedagógicas, uma contendo as vogais e outra contendo as imagens relacionadas com o som da vogal. Os elementos de cada grupo foram tirando, alternadamente, de cada cesta pedagógica uma vogal ou uma imagem, fazendo a ligação correcta som/imagem. Verificámos que todos quiseram participar revelando empenho na tarefa, pois foi com entusiasmo que os alunos foram demonstrando os seus conhecimentos. Verificou-se que as crianças associavam as imagens ao som de cada vogal. A primeira parte terminou quando todos os grupos deram por concluída a construção da chuva de imagens, correspondente a cada vogal, como se pode observar na imagem 1.

Imagem 1: Chuva de imagens



De seguida, passou-se à análise da capa e contracapa do livro “História das Cinco Vogais”. Na exploração da capa, surgiram respostas reveladoras de um interesse contagiante, na medida em que, todos queriam participar dando as suas opiniões, sobre os vários aspectos questionados. A título de exemplo, o aluno número vinte e cinco, relativamente à pergunta “Porque estão as letras nas nuvens?”, respondeu que “ ler faz-nos sonhar e imaginar”.

Na segunda parte da actividade intitulada de leitura, foi lida a história e foi solicitado aos alunos, no decorrer da leitura, a sua participação. Mais uma vez, os alunos aderiram com grande entusiasmo. Após a leitura, perguntámos se tinham gostado de ouvir a história e as respostas foram unânimes sendo que, todos disseram ter gostado e que a tinham achado engraçada.

Após a leitura, propusemos fazer um poema com as cinco vogais. Na sua maioria, os alunos acharam interessante a tarefa, no entanto, verificámos que alguns manifestaram

algumas dificuldades, pois não tinham palavras que rimassem umas com as outras. Tivemos dificuldade em que os alunos concretizassem esta tarefa, tendo sido necessário intervir, sugerindo algumas palavras. Apesar das dificuldades sentidas, todos gostaram do resultado final.

“ As cinco vogais A E I O U
As cinco vogais aprenderam
A, para a minha mamã
E, para o meu cão Tomé
I, essa é para mim
O, para a minha avó Olga
U, já aprendeste tu.”

Isso foi notório, pois todos pediram para voltar a ler o poema para o decorarem.

Após a construção do poema, distribuímos pelos alunos uma ficha de correspondência (anexo 2A) onde se encontram as vogais e imagens cujo nome se inicia por cada vogal. Constatámos que, de uma forma geral, os alunos realizaram a tarefa sem revelar grandes dificuldades, como podemos observar no quadro n.º 7.

	Letra A	Letra E	Letra I	Letra O	Letra U
Correspondência Correcta	23	24	24	25	24
Correspondência Incorrecta	2	1	1	0	1

Quadro n.º 7: Ficha de Correspondência

O Quadro n.º 7 permite verificar que, dos vinte e cinco alunos, somente um ou dois alunos não conseguiram fazer uma correspondência correcta em relação a algumas letras, nomeadamente a letra A, E, I e U. Todos os alunos fizeram a correspondência correcta em relação à letra O.

Depois de terem respondido à ficha de correspondência, distribuímos pelos alunos uma ficha intitulada recortar palavras (anexo2B), onde se encontram as vogais desenhadas, em que lhes pedimos para recortarem palavras de jornais que iniciassem por cada uma das vogais e as colassem na área que dizia respeito a cada vogal.

Constatámos que, de uma forma geral, os alunos realizavam a tarefa sem revelar dificuldades, pois todos conseguiram encontrar palavras para cada vogal, como se pode verificar no quadro n.º 8.

	Letra A	Letra E	Letra I	Letra O	Letra U
Recortou	25	25	23	23	23
Não Recortou	0	0	2	2	2

Quadro n.º 8: Recortar Palavras

No final da ficha de correspondência e na ficha de recortar palavras, encontra-se uma pequena auto-avaliação, sobre as tarefas que tinham realizado. Podemos verificar que, em relação à actividade da correspondência, todos os alunos responderam que tinham gostado muito de a ter realizado. Quanto à ficha de recortar palavras, o mesmo não aconteceu pois só dezoito alunos responderam ter gostado muito e sete responderam dizendo que tinham gostado.

Fazendo um balanço, podemos dizer que foi uma aula enriquecedora para os alunos, tendo-se verificado que a turma se mostrou sempre motivada e empenhada na execução das tarefas solicitadas.

2.5.3 Avaliação da visita à Biblioteca Escolar

No que diz respeito à visita à Biblioteca Escolar, realizada no dia dezoito de Dezembro de 2010, iniciámos esta actividade, na parte relativa à pré-visita, com a exploração das três imagens (casa, escola e biblioteca) que apresentámos em diapositivo, uma de cada vez. A exploração teve por base três questões: “O que podemos observar?”, “O que se pode fazer em...?” e “Que utensílios fazem parte de...?”.

Relativamente à primeira imagem (casa) e à primeira pergunta, os alunos responderam de forma unânime, dizendo que observavam uma casa.

As respostas à segunda questão foram variadas, nomeadamente dizendo que podemos comer, dormir, tomar banho, ver televisão, lavar os dentes entre outras.

Em relação à terceira pergunta, os alunos nomearam alguns objectos pertencentes à casa, tais como a cama, o frigorífico, a máquina de lavar roupa e loiça, a televisão e o computador.

A actividade prosseguiu com a apresentação da segunda imagem (a escola). O contentamento e satisfação foram visíveis pois estavam a observar a sua própria escola.

As questões formuladas foram as mesmas. Relativamente à segunda questão, os alunos responderam que na escola aprendem a ler, aprendem a fazer contagens e adições, a fazer experiências, tarefas de matemática, a ler histórias, a ouvir música e brincam com os colegas.

Em relação à terceira questão, os alunos referiram o quadro, o computador, o giz, o apagador, a secretárias e as mesas.

Após a apresentação da imagem da escola, os alunos encontravam-se curiosos e por vezes impacientes por não saberem qual seria a imagem seguinte. Quando a imagem surgiu, a maioria reconheceu a fotografia, dizendo que se tratava da biblioteca municipal de Nelas, e que já lá tinha estado.

As respostas à segunda pergunta foram diversificadas, os alunos disseram que iam à biblioteca para ler, ouvir histórias, buscar livros para levar para casa, ver teatros.

Relativamente à terceira questão, todos responderam que na biblioteca existiam livros. Quando os questionámos se só haveria livros de histórias, dois alunos responderam que também havia dicionários e livros de animais e corpo humano.

Após a intervenção destes dois alunos, houve um outro aluno que pediu para intervir dizendo que na biblioteca também existiam computadores para pesquisar e fazer trabalhos.

Em seguida, após a exploração oral das imagens, estas foram colocadas no quadro, em suporte papel, para se elaborar um painel onde constavam as imagens e ilustrações de objectos relativos a cada uma das imagens. Os alunos participaram de forma interessada não revelando qualquer dificuldade.

A segunda parte da actividade intitulada “Visita à Biblioteca”, começou com a apresentação de um *PowerPoint* sobre a utilização da biblioteca, nomeadamente sobre as regras a cumprir (anexo 3A).

À medida que ia sendo apresentado o *PowerPoint*, os alunos iam colocando questões e dando as suas opiniões. As questões apresentadas incidiram sobre variadíssimos aspectos, mostrando que queriam saber mais sobre cada tópico que estava a ser explicado.

Após a apresentação do *PowerPoint* foi pedido aos alunos para preencherem uma ficha de verificação de conhecimentos (anexo 3B), com a finalidade de avaliar se o que tinha sido apresentado tinha sido assimilado e entendido pelos alunos. Da ficha constavam as seguintes questões: "Assinala, na respectiva coluna, o que podes fazer na Biblioteca com uma X verde e o que não deves fazer, com um X a vermelho", "Identifica, na respectiva coluna os objectos que pertencem à tua Biblioteca, com um X verde e os objectos que não pertencem à tua biblioteca, com um X vermelho", "Identifica os pontos comuns entre os diversos livros e refere o intruso" e "Desenha tudo aquilo que falta na tua biblioteca que consideres essencial". Os resultados foram positivos. Relativamente às duas primeiras questões todos os alunos preencheram as tabelas de forma correcta. Na identificação dos pontos comuns entre os diversos livros, os grupos conseguiram identificá-los e detectaram qual o livro que não fazia parte do conjunto de livros. Na última questão verificámos que houve desenhos diversos. Uns alunos desenharam livros de histórias, outros desenharam computadores e outros desenharam televisores.

A actividade terminou com a leitura da história "A fada palavrinha e o gigante das bibliotecas", de Luísa Ducla Soares. Durante a leitura, os alunos estavam sossegados, atentos e interessados. No fim da leitura, alguns alunos intervieram, dizendo trata-se de uma história diferente pois estava feita em verso, uma história de rimas.

A visita à biblioteca terminou com a distribuição a cada aluno, de um desdobrável síntese sobre os temas tratados na biblioteca e com a requisição de um livro.

Depois da visita, em contexto de sala de aula foi construído um painel colectivo sobre o que era ler para cada um dos alunos, com o título "Ler para mim é".

Surgiu uma panóplia de opiniões, tais como: ler é uma história, ler é aprender, ler é sonhar, ler é estudar, ler é aprender as letras, ler é aprender a ler frases, ler é importante, ler é imaginar,

2.5.4 Avaliação do trabalho sobre o livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”

A exploração do livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal” decorreu durante o dia nove de Dezembro de 2010. Iniciámos a aula relativa ao trabalho sobre o livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal” com uma actividade de pré-leitura denominada “estendal das histórias”. A actividade teve início com a preparação de um estendal, feito de corda, em que pendurámos as imagens das personagens da história que iríamos ler.

Imagem 2: “Estendal de histórias”



Após a colocação das imagens, perante a admiração e o espanto dos alunos, começámos por formular algumas questões sobre essas imagens. Os alunos foram respondendo às perguntas e pudemos concluir que todos identificaram as personagens. No entanto, em relação à personagem bruxa, esta não foi associada à história que se pretendia, mas foi associada a outra história que também tinha como personagem uma bruxa.

Depois da exploração feita às personagens, propusemos aos alunos que, em conjunto fizessemos um *brainstorming* acerca dos temas da história que iríamos ler posteriormente. Mais uma vez foi relevante o interesse manifestado por cada aluno, querendo apresentar as suas opiniões, solicitando que elas fossem escritas no quadro pela professora.

A construção colectiva do *brainstorming* foi efectuada, procedendo-se, posteriormente, à exploração da capa do livro. No momento da exploração da capa, notámos uma certa ansiedade por parte dos alunos, pedindo com alguma insistência para que se procedesse à leitura da história.

Durante a leitura, foi solicitado aos alunos para retirarem do estendal as personagens que iam aparecendo na história.

No fim da leitura, foi proporcionada a realização de um diálogo a partir de algumas questões. Os alunos deram a sua opinião e participaram na discussão. Falámos da amizade e da felicidade, remetendo para o tema da história lida.

Posteriormente à discussão oral, agrupámos os alunos em pequenos grupos, com a finalidade de, em conjunto criarem, utilizando o desenho, o que intitulámos de mistura de histórias. Com esta mistura de histórias, pedimos a cada grupo que escolhesse três personagens da história e inventasse uma nova história. No final cada grupo apresentou à turma a história inventada. Esta foi uma actividade um pouco perturbadora, na medida em que é um grupo grande de alunos. No entanto, com alguma ajuda prestada pela professora, os alunos conseguiram apresentar algumas histórias.

Para finalizar, foi pedido aos alunos o preenchimento de uma ficha de compreensão para verificar se tinham compreendido a história (anexo 4A). Relativamente ao preenchimento da ficha, os alunos na sua grande maioria não manifestaram dificuldades. Da ficha constavam quatro questões: “Assinala as imagens das personagens que fazem parte da história”, “Desenha as personagens que faltam”, “Coloca um X nos presentes oferecidos ao Pai Natal” e “Desenha os presentes que faltam”. Em relação à primeira questão só um aluno é que não assinalou as personagens da história. No que concerne à segunda questão, cinco alunos não desenharam as personagens que faltavam. Na terceira questão, vinte e quatro dos alunos, assinaram os presentes dados ao Pai Natal e somente um não conseguiu assinalar correctamente. A última questão obteve resultados menos positivos, na medida em que dos vinte cinco alunos, sete não desenharam todos os presentes que faltavam.

No que diz respeito à auto-avaliação realizada pelos alunos sobre a actividade desenvolvida, pudemos verificar que, dos vinte e cinco alunos, vinte e dois afirmaram ter gostado muito da actividade e três disseram que gostaram, não havendo nenhum aluno a manifestar desagrado face à actividade.

CAPÍTULO III

CONCLUSÕES

Depois de termos apresentado e analisado a implementação do projecto de investigação-acção intitulado “ O Contributo do Plano Nacional de Leitura para a Formação de Leitores no 1.º ciclo do Ensino Básico”, vamos destacar algumas conclusões, sem a pretensão de generalizar os resultados obtidos.

Ao longo deste estudo concentrámo-nos particularmente em questões relacionadas com a formação de leitores e com o papel que o Plano Nacional de Leitura (PNL) pode ocupar nessa formação.

Através da utilização de uma metodologia de investigação-acção, fomentámos actividades que possibilitaram envolver os alunos e os encarregados de educação em torno do livro e da leitura, no âmbito do PNL, com a finalidade de promover actividades com a biblioteca escolar, perceber a importância dos mediadores na promoção da leitura, promover a utilização de estratégias de leitura em contexto de sala de aula, envolver os pais na criação de hábitos de leitura e avaliar o contributo do PNL para a promoção da leitura numa escola concreta.

Para que esses objectivos fossem alcançados, procurámos responder à seguinte questão de investigação: “ De que modo o Plano Nacional de Leitura contribui para a formação de Leitores?”.

Para atingir os objectivos que nos propusemos e responder à questão de investigação formulada optámos por utilizar uma metodologia centrada na implementação de actividades e na observação de comportamentos e atitudes por parte dos alunos. O estudo desenvolvido compreendeu várias fases. Inicialmente, houve a preocupação de planificar as actividades, tendo em atenção cada objectivo proposto, após a planificação passou-se à fase da implementação de cada actividade e concluiu-se com a sua avaliação.

As actividades implementadas foram quatro: o projecto “Já Sei Ler”, exploração do livro “História das Cinco Vogais”, “Visita à Biblioteca” e exploração do livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”. Todas as actividades foram realizadas no decorrer do 1.º período do ano lectivo de 2010/2011.

O projecto “Já Sei ler” teve como objectivos, desenvolver o gosto pela leitura, envolver os pais na promoção da leitura e desenvolver a cultura literária das crianças. O projecto consistiu na disponibilização, durante o 1.º período de um conjunto de livros destinados aos alunos de uma turma do 1.º ano e na motivação dos mesmos em levar para casa um livro, escolhido na sala de aula, para ser lido em colaboração com um familiar.

A exploração do livro “História das Cinco Vogais” teve como objectivo fomentar o gosto pela leitura e consolidar a aprendizagem das vogais. Esta abordagem ao livro foi composta por actividades que ocorreram antes da leitura, durante a leitura e após a leitura.

Em relação à terceira actividade, denominada de “Visita à biblioteca”, consistiu em dar a conhecer aos alunos uma biblioteca e como esta funciona.

A última parte da intervenção consistiu na exploração do livro "Ninguém dá prendas ao Pai Natal". Esta parte foi realizada com base em actividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura, relacionadas com o livro explorado.

Fazendo uma análise aos resultados obtidos, através da implementação das actividades em contexto de sala de aula, verificamos que, durante este projecto, os alunos se envolveram e se sentiram envolvidos em todo o processo de ensino aprendizagem, contribuindo de forma favorável para a dinâmica das actividades propostas, que foram elaboradas tendo em conta as suas necessidades e interesses.

Relativamente à primeira actividade, projecto "Já Sei Ler", concluímos que os alunos participaram com interesse e empenho devido ao facto de todos os alunos terem lido livros. Podemos verificar que o número de livros lidos, durante o período em análise, oscilou entre um mínimo de três livros lidos (apenas três alunos) e o máximo de oito livros (dois alunos). A maioria dos alunos leu sete livros.

Em relação ao envolvimento da família poder-se-á dizer que esta participou neste projecto sem reservas, na medida em que, pais, irmãos e avós colaboraram com as crianças na leitura dos livros. Salientamos o facto de serem as mães que mais leram com as crianças, ou seja um total de vinte e três, seguindo-se os pais com um total de catorze. No entanto, achamos ser pertinente referir que dois alunos nunca leram com as suas mães e que um aluno leu somente com a sua irmã.

Um outro aspecto importante a ser referido, para justificar este envolvimento sem reservas, é o facto de quando os encarregados foram solicitados para preencherem um pequeno questionário sobre o projecto, do qual faziam parte duas questões uma sobre o ter sido atingido o objectivo do projecto e outra relativa à sua possível continuidade, vinte e quatro pais responderam que o projecto tinha sido um meio de promoção da leitura e deveria continuar. Podemos ainda concluir que os livros seleccionados foram adequados à faixa etária, tendo em conta que a maioria dos alunos gostou dos livros lidos.

No que diz respeito à segunda actividade, exploração do livro "História das Cinco vogais", todos os alunos participaram, revelando interesse e empenho. Verificou-se, no entanto, que a actividade de pós-leitura "construção do poema" gerou algumas dificuldades nos alunos, para arranjam palavras que rimassem umas com as outras.

O interesse pela actividade foi notório, aquando da realização da ficha de correspondência e da ficha de recortar palavras, tendo-se verificado que a maioria dos alunos as concluiu sem revelar dificuldades, demonstrando que tinham estado atentos à leitura da história.

A visita à biblioteca foi uma forma de fomentar a leitura noutra espaço sem ser a sala de aula. A avaliação desta actividade, baseada nas intervenções dos alunos e nas respostas dadas à ficha aplicada, permitiu concluir que ela foi importante para os alunos, potenciando a utilização de espaços de leitura alternativos à sala de aula.

Na última actividade, a exploração do livro “Ninguém dá Prendas ao Pai Natal”, podemos verificar que o entusiasmo, o interesse, a participação activa e as diversas intervenções realizadas, mais uma vez estiveram patentes. O “estendal de histórias”, actividade de pré-leitura, permitiu motivar os alunos para a leitura da história. A novidade favoreceu a concentração dos alunos e ajudou a cativar a sua atenção, facilitando o envolvimento na realização do trabalho proposto pela professora.

“A mistura de histórias”, actividade de pós-leitura, correu de forma positiva, evidenciando a criatividade e a imaginação dos alunos.

Com base no que foi apresentado de forma sumária, podemos concluir que, na generalidade, as actividades implementadas, que se encontram inseridas no âmbito do Plano Nacional de Leitura, correram de forma positiva, pautadas por motivação e interesse por parte dos alunos, contribuindo para a formação de leitores, para o gosto e valorização da leitura.

Relativamente, aos encarregados de educação, podemos afirmar que este estudo contribuiu para que estes se empenhassem e se envolvessem na motivação dos seus educandos face à leitura.

Em termos gerais, consideramos que os objectivos que nos propusemos foram atingidos.

Podemos concluir que o primeiro objectivo específico, promover actividades com a biblioteca escolar de modo a despertar o gosto pela leitura, foi alcançado, na medida em que fomentámos o reconhecimento da biblioteca como um recurso basilar da escola, tal com ficou demonstrado aquando da implementação da actividade “Visita à biblioteca” em que a receptividade e motivação, no decorrer das actividades desenvolvidas nesse espaço, estiveram patentes.

No que diz respeito ao segundo e terceiro objectivos, perceber a importância dos mediadores de leitura para a promoção dessa mesma leitura e promover a utilização de estratégias em contexto de sala de aula, foram atingidos, na medida em que se fomentaram actividades, utilizando estratégias de leitura, que nos permitiram concluir que a escola, a família e a biblioteca escolar devem trabalhar em colaboração e articulação de forma a promover a leitura nos nossos alunos.

O quarto objectivo, envolver os pais na criação de hábitos de leitura, foi alcançado através da implementação do projecto “Já Sei Ler”. Este projecto permitiu-nos observar que a família promoveu a leitura, na medida em que todos os alunos puderam contar com a ajuda da família (mães, pais, irmãos e avós) que se disponibilizaram a ler os livros que os alunos tinham seleccionado. Nenhum aluno foi privado de efectuar as suas leituras.

Relativamente à avaliação do contributo do PNL para a promoção da leitura numa escola concreta, cabe-nos concluir que esta intervenção teve um período muito curto de implementação o que dificultou as avaliações do mesmo, no entanto podemos concluir que as actividades implementadas no âmbito do PNL, durante este período, permitiram promover a leitura nesta turma em concreto.

O facto de o período de intervenção ter sido diminuto, levou-nos a dar-lhe continuação ao longo do ano lectivo. Quer isto dizer que o projecto “Já Sei ler” não terminou no 1.º período, mas prosseguiu durante os períodos seguintes. A exploração de livros também continuou, seguindo a mesmas etapas de exploração (pré-leitura, leitura e pós-leitura).

No que se refere às visitas à biblioteca incluindo um trabalho colaborativo entre o professor titular e o professor bibliotecário, também houve continuidade. Consideramos que deste modo, as práticas pedagógicas iniciadas se transformarão em hábitos, conseguirão alterar posturas face ao livro e à leitura e permitirão formar novos leitores autónomos e reflexivos, que sentem a leitura como um prazer.

BIBLIOGRAFIA

Antão, J. A. S. (1997). *Elogio da Leitura*. Porto: Edições Asa.

Azevedo, F. (2007). *Formar Leitores*. Porto: Lidel.

Balula, J. P. R. (2007). *Estratégias de Leitura funcional no ensino/aprendizagem do Português*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.

Balula, J. P. R. (2010). Formar leitores na sociedade do conhecimento. Retirado em Fevereiro, 20, 2011 de <http://hdl.handle.net/10400.19/496>.

Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Bonboir, A. (1970). *Pedagogie Corrective*. Paris: P.U.F.

Cadório, L. (2001). *O Gosto da Leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.

Calçada, T. (2009). Prefácio. In Ribeiro, I., & Leopoldina, F. (org), *Dos Leitores Que Temos Aos Leitores Que Queremos*. (p.7). Coimbra. Almedina.

Calçada, T. (2010). Mudanças que reflectem novas necessidades. *Noesis*, (82), 33.

Calixto, J. A. (1996). *A Biblioteca escolar e a sociedade da informação*. Lisboa: Caminho.

Cerrillo, P. (2006). Literatura Infantil e Mediação Leitora. In Azevedo, F. (Org), *Língua Materna e Literatura Infantil: Elementos Nucleares para Professores do Ensino Básico* (pp.33-46). Lisboa: Lidel.

Conde, E. (2010). Bibliotecas escolares, ambientes de aprendizagem permanente. *Noesis*, (82), 30-33.

- Cohen, L., & Manion, L. (1994). *Research Methods in Education*. London: Routledge.
- Correia, P. (2010). Não Basta o Livro Para fazer o Leitor. *Noesis*, (82), 34-37.
- Dionísio, M. L., & Pereira, I. (2006). *A educação pré-escolar em Portugal – Concepções oficiais, investigação e práticas, Perspectiva, Florianópolis, V. 24, n. 2, p.597-622, jul/dez.*
- Freitas, E., & Santos, M. L. (1992). *Hábitos de leitura em Portugal*. Inquérito Sociológico. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Freitas, E., Casanova, J. L. & Alves, N. A. (1997). *Hábitos de leitura. Um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Giasson, J. (1993). *A Compreensão na Leitura*. Porto: Edições Asa.
- Jolibert, J. (2003). *Formar Crianças Leitoras*. Porto: Asa Editores.
- Lessard, H. M., Goyette, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, I., Velasquez, M., & Bártolo, V. (2004). *Aprendizagem, Ensino e Dificuldades da Leitura*. Coimbra: Quarteto.
- Magalhães, A. M., & Alçada, I. (1994). *Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Magalhães, A. M., & Alçada, I. (1998). *A biblioteca da escola e o prazer de ler*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Magalhães, L. (2006). A Aprendizagem da Leitura. In Azevedo, F., (Org), *Língua Materna e Literatura Infantil: Elementos Nucleares para Professores do Ensino Básico* (pp.73-91). Lisboa: Lidel.
- Manifesto da Unesco sobre as bibliotecas escolares (1999) Retirado em Março, 22, 2011 de www.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf

Martins, M. E., & Sá. C. M. (2008). Ser leitor no século XXI – Importância da compreensão na leitura para o exercício pleno de uma cidadania responsável e activa. Retirado em Abril, 27, 2011 de www.casdaleitura.org/

Mata, L. (2008) *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: ME. DGIDC.

Mialaret, G. (1997). *A Aprendizagem da Leitura*. Lisboa: Editorial Estampa.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1991). *Programa Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1996). *Programa de Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2000). *Programme for International Student Assessment*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2003). *Programme for International Student Assessment*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2009). *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2009). *Portaria n.º 756/2009 de 14 de Julho*. Diário da República, 1.ª série- n.º134.

Morais, J. (1997). *A Arte de Ler*. Lisboa: Edições Cosmos.

Pennac, D. (2001) *Como um Romance*. Porto: Edições Asa.

Pontes, V., & Barros, L. (2007) Formar leitores críticos, competentes, reflexivos: O Programa de Leitura Fundamentado na Literatura. In Azevedo, F., (Org.), *Formar Leitores. Das teorias às práticas* (pp.69-85). Lisboa: Lidel.

Pontes, V., & Azevedo, F. (2009). O espaço de leitura como fonte de prazer. In Azevedo, F., & Sardinha, M. G. (org), *Modelos e Práticas em Literacia* (pp. 69-80). Lisboa: Lidel.

Rebelo, J. (1993). *Dificuldades da Leitura e Escrita em Alunos do Ensino Básico*. Porto: Edições Asa.

Resolução do Conselho de Ministros nº 86/2006. Retirada em Novembro, 30, 2010 de www.cerlalc.org/redplanes/secciones/Planes/Portugal/2_PNL_resolucao.pdf

Sanches, T. (2007). Biblioteca Escolar e Leitura em Tempos de Mudança. In Leitura (S) (pp.69-77). Porto: Setepés.

Santos, M, E. (2010). Mudou a Biblioteca, a Escola Mudou. *Noesis*, (82), 5.

Sequeira, F. (2002). A Literacia em Leitura. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (2) 51-60.

Sequeira, F. (1989). Psicolinguística e Leitura. In Sequeira, F., & Sim-Sim, I. (Orgs), *Maturidade Linguística e Aprendizagem da Leitura* (pp.51-68). Braga: Universidade do Minho.

Silva, L. M. (2002). *Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Universidade do Minho.

Sim-Sim, I., Duarte, I., & Ferraz, M. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: Departamento do Ensino Básico.

Sim-Sim, I. (2001). *A Formação para o ensino da língua portuguesa na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.

Sim-Sim, I. (2003). Prefácio. In *Aprender a ler. Da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.

Sim-Sim, I., (2002). Formar Leitores: a inversão do círculo. In Viana. F., Martins. M., & Coquet. E. (org), *Leitura, literatura infantil, ilustração* (pp.12-20). Braga: Universidade do Minho.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições Asa.

Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério de Educação.

Santos, M. L. (2007). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.

Solé, I. (1992) *Estratégias de Lectura*. Barcelona: Grao e Ice Universitat de Barcelona.

Veiga, I. et al (1997). *Lançar a rede de bibliotecas escolares. Relatório síntese*. Lisboa: Ministério da Educação.

Viana, F. L., & Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a Ler – da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.

Viana, F. L., Martins, M. & Coquet, E. (2002). *Leitura, Literatura Infantil, Ilustração: Investigação e Prática Docente*. Braga: Universidade do Minho.

Viana, F. L., & Martins, M. M. (2009). Dos Leitores que Temos aos Leitores que Queremos. In Ribeiro., I. & Viana F. L. (org), *Dos Leitores que Temos aos Leitores que Queremos* (pp. 9-42) Coimbra: Edições Almedina.

Vilelas, J. (2009). *Investigação – o processo de construção de conhecimento*. Lisboa: Sílabo.

ANEXOS

ANEXO 1

Anexo 1 A - Lista de Livros

Nº	Autor	Ano	Título dos Livros	Local	Editora
1	António Mota	2001	Onde tudo aconteceu	Porto	Âmbar
2	Alexandra Pinheiro	2008	Emília e chá de tília	Porto	Trinta por uma linha
3	Mick Manning Brita Gronstrom	2008	Lavar, escovar e esfregar	Lisboa	Caminho
4	Max Velthuijs	2000	Sapo é sapo	Porto	Caminho
5	Mercé Aránega	2005	E se eu fosse uma fada	Porto	Porto Editora
6	Max Velthuijs	2005	O sapo tem medo	Lisboa	Caminho
7	Graça Breia	2009	O gato gatão	Lisboa	4 Leituras
8	António Torrado	1994	O veado florido	Porto	Civilização
9	Daniel Picouly	2008	O circo da Lulu	Lisboa	Pearson Longman
10	Luísa Ducla Soares	2002	O soldado João	Porto	Civilização
11	Valerei Thomas	2006	A Mimi vai à praia	Lisboa	Gradiva
12	Beatriz Potter	2007	História da pata Patrícia Patanisca	Porto	Civilização
13	Mark Marshall	2006	Imagina-me pirata	Lisboa	Nova Gaia
14	José Jorge Letria	2008	Avô, conta outra vez	Porto	Âmbar
15	António Mota	2007	Se tu visses o que eu vi	Porto	Gailivro
16	José Jorge Letria	2011	Animais fantásticos	Porto	Âmbar
17	Beatriz Masini	2003	Está um hipopótamo na minha cama	Lisboa	Livros Horizonte
18	António Mota	2008	A Rosa e o rapaz do violino	Porto	Gailivro
19	Luísa Ducla Soares	2007	O urso e a formiga	Porto	Civilização
20	Rosário Araújo	2005	A rosinha, o mar e os sonhos	Porto	Gailivro
21	José Jorge Letria	2005	Alfabeto dos bichos	Lisboa	Oficina do Livro
22	António Mota	2007	Os negócios do macaco	Porto	Gailivro
23	Mick Manning	2005	Nham-Nham	Lisboa	Caminho
24	Manjusha Pawagi	2006	A menina que detestava livros	Lisboa	Terramar
25	Luísa Ducla Soares	2001	Uns óculos para a Rita	Porto	Civilização
26	Pepe Cáccamo	2003	Dinossáurio Belisário	Matosinhos	Kalandraka
27	Maria Carvalho	2008	Pirilampo mágico	Lisboa	Fenacerci
28	Luísa Ducla Soares	1994	Os ovos misteriosos	Porto	Afrontamento
29	Luísa Ducla Soares	2001	O ratinho marinho	Porto	Civilização
30	Tony Ross	2005	Eu quero um amigo	Lisboa	Gatafunho
31	António Mota	2008	João mandrião	Porto	Gailivro
32	Luísa Ducla Soares	2003	Se os bichos se vestissem como gente	Porto	Civilização
33	Vergílio Vieira	2009	O comboio de pedra	Porto	Trinta por uma linha

Anexo 1 B – Ficha de registo sobre as leituras



Já Sei Ler



Ler + em Família

Titulo da história:

Autor:

Com quem leste a história:

Gostaste desta história: Sim Não

Porquê?

Ilustra a história que leste.

Obrigado pela colaboração

Anexo 1C (Tabela 1- A1)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 1	Onde tudo Aconteceu (nº 1)	António Mota	Com o pai	Sim	Fala da natureza	24/10/2010
	Emília e o chá de tília (nº 2)	Alexandra Pinheiro	Com a mãe	Sim	Fala de uma fada	29/10/2010
	Lavar, escovar e esfregar (nº 3)	Mick Manning Brita Gronstrom	Com a mãe e meu irmão	Sim	Nos ensina a ser limpinhos	05/11/2010
	Sapo é sapo (nº 4)	Max Velthuijs	Com a mãe e meu irmão	Sim	Fala de animais	12/11/2010
	E se eu fosse uma fada (nº 5)	Mercé Aránega	Com a mãe	Sim	Porque eu gosto de histórias com fadas	15/11/2010
	O sapo tem medo (nº 6)	Max Velthuijs	Com a mãe	Sim	O sapo ajudou-me a deixar de ter medo	12/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A2)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 2	O gato Gatão (nº 7)	Graça Breia	Com a mãe	Sim	A história diz coisas a rimar	22/10/2010
	O veado florido (nº 8)	António Torrado	Com a mãe	Sim	Esta história ensina-nos que não devemos ter animais presos	28/10/2010
	O circo da Lulu (nº 9)	Daniel Picouly	Com o pai e mãe	Sim	Eu gosto de circo com animais e este era só com animais	05/11/2010
	O soldado João (nº 10)	Luísa Ducla Soares	Com a mãe	Sim	O Soldado João em vez de combater ajudou a fazer as pazes com o inimigo	12/11/2010
	A Mimi vai à praia (nº 11)	Valerie Thomas Korky Paul	Com a mãe	Sim	Gosto de brincar na praia	19/11/2010
	História da pata Patrícia Patanisca (nº 12)	Beatriz Potter	Com a mãe	Sim	A história fala-nos que não podemos confiar em toda a gente	25/11/2010
	Lavar, escovar, esfregar (nº 3)	Mick Manning Brita Gronstrom	Com a mãe	Sim	Nos ensina os hábitos de higiene	29/11/2010
	Imagina-me pirata (nº 13)	Mark Marsshall	Com a mãe	Sim	Esta história fala das aventuras que podemos imaginar	10/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A3)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 3	Avô, conta outra vez (nº 14)	José Jorge Letria	Com os meus pais	Sim	Fala sobre as histórias que o avô conta ao neto	18/10/2010
	O gato Gatão (nº 7)	Graça Breia	Com os meus pais e irmã	Sim	O gato repara em tudo e faz versos de poesia	02/11/2010
	A Mimi vai à praia (nº 11)	Valerie Thomas Korky Paul	Com os meus pais	Sim	A confusão da ida da bruxa Mimi à praia com a perda da sua vassoura	10/11/2010
	Se tu visse o que eu vi (nº 15)	António Mota	Com os meus pais	Sim	São várias histórias	18/11/2010
	Os animais fantásticos (nº 16)	José Jorge Letria	Com os meus pais	Sim	Fala de animais diferentes	28/11/2010
	O circo Lulu (nº 9)	Daniel Picouly	Com os meus pais	Sim	Gosto de circo	06/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A4)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 4	Lavar, escovar e esfregar (nº3)	Mick Manning / Brita Granstron	Com o meu pai	Sim	Porque nos ensina a proteger das doenças e a sermos limpinhos	18/10/2010
	A Mimi vai à praia (nº 11)	Valerie Thomas / Korky Paul	Com o meu pai	Sim	Porque tinha piscina e praia que são 2 coisas que eu gosto muito	25/10/2010
	O sapo tem medo (nº 6)	Max Velthuijs	Com a minha irmã mais velha	Sim	É engraçada e fala de fantasmas e de medos	05/11/2010
	Está um hipopótamo na minha cama (nº 17)	Beatriz Masini / Pia Valentinis	Com o meu pai	Sim	É engraçada e interessante	17/11/2010
	O gato Gatão (nº 7)	Graça Breia	Com o meu pai	Sim	Tinha gatinhos poetas de profissão	23/11/2010
	A Rosa e o rapaz do violino (nº 18)	António Mota	Com o meu pai	Sim	Porque tinha uma rosa princesa	29/11/2010
	Emília e o chá de tília (nº 2)	Alexandra Pinheiro	Com a minha avó e o meu pai	Sim	Porque tinha uma princesa	15/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A5)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 5	A Rosa e o rapaz do violino (nº 18)	António Mota	Com a mãe	Sim	Esta história é muito bonita	19/10/2010
	O sapo é sapo (nº 4)	Max Velthuijs	Com a mãe	Sim	Fala de animais	05/11/2010
	A história da pata Patrícia (nº 12)	Beatriz Potter	Com a irmã	Sim	Tem animais e pessoas	12/11/2010
	Emília e o chá de tília (nº 2)	Alexandra Pinheiro	Com a irmã	Sim	A história é bonita	18/11/2010
	O urso e a formiga (nº 19)	Luísa Ducla Soares	Com a irmã	Sim	Tem muitos animais	24/11/2010
	A Rosinha, o mar e os sonhos (nº 20)	Rosário Alçada Araújo	Com a irmã	Sim	Fala das sereias	10/12/2010
	Imagina-me um pirata (nº 13)	Mark Marshall	Com a irmã	Sim	Fala de um cão sonhador	16/12/2020

Anexo 1C (Tabela 1 – A6)

Aluno 6	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
	O alfabeto dos bichos (nº 21)	José Jorge Letria	Mãe	Sim	É gira, bonita e gostei que a minha mãe a lesse para mim	19/10/2010
	Os negócios do macaco (nº 22)	António Mota	Pai	Sim	Era gira	29/10/2010
	Os animais fantásticos (nº 16)	José Jorge Letria	Pai	Não	Tinha muitos animais feios	05/11/2010
	Nham-Nham (nº 23)	Mick Manning Brita Granstrom	Pai	Sim	Era gira	12/11/2010
	O sapo tem medo (nº 6)	Max Velthuijs	Pai	Sim	Gostei	19/11/2010
	O urso e a formiga (nº 19)	Luísa Ducla Soares	Pai	Sim	Gostei da formiga atrevida	03/12/2010
	O circo Lulu (nº 9)	Daniel Picouly	Pai	Sim	Gostei da história e dos desenhos	14/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A7)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 7	Imagina-me pirata (nº 13)	Mark Marshall	Mãe	Sim	O sonho do cão com várias profissões foi muito engraçado	17/10/2010
	A história da pata Patrícia Patanisca (nº 12)	Beatriz Potter	Mãe	Sim	Falava de uma pata com um nome muito engraçado	27/10/2010
	Emília e o chá de tília (nº 2)	Alexandra Pinheiro	Mãe	Sim	Fala de uma princesa mal disposta e de uma fada chamada Emília que gosta de chá	05/11/2010
	A menina que detestava livros (nº 24)	Manjusha Pawagi	Mãe	Sim	Fala de uma menina que não gostava de livros e passou a gostar quando um dia de um livro saíram animais	12/11/2010
	O gato Gatão (nº 7)	Graça Breia	Mãe	Sim	Fala do gato e das suas peripécias do dia-a-dia	18/11/2010
	E se eu fosse uma fada (nº 5)	Mercé Aránega	Mãe	Sim	Explica como a fada se comporta no dia-a-dia	26/11/2010
	Uns óculos para a Rita (nº 25)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	Fala de uma menina que tinha dificuldades em ver	03/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A8)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 8	O circo da Lulu (nº 9)	Daniel Picouly	Mãe e Pai	Sim	Tinha um circo e muito animais	17/10/2010
	Imagina-me pirata (nº 13)	Mark Marshall	Mãe	Sim	O cão andou a descobrir um tesouro nos seus sonhos	27/10/2010
	Dinossáurio Belisário (nº 26)	Pepe Cáccamo	Mãe	Não	O Dinossáurio prendia os animais	05/11/2010
	O soldado João (nº 10)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	O João queria que todos vivessem em paz	12/11/2010
	O pirilampo mágico (nº 27)	Maria João Carvalho	Mãe	Sim	Tem muitos pirilampos que são bonitos e mágicos	17/11/2010
	Os ovos misteriosos (nº 28)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	A galinha tinha filhos todos diferentes mas amava-os a todos	24/11/2010
	Está um hipopótamo na minha cama (nº 17)	Beatriz Masini	Mãe	Sim	A história é muito engraçada e o menino tinha muitos bonecos	03/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A9)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 9	Sapo é sapo (nº 4)	Max Velthuijs	Mãe	Sim	O sapo gostava de ser igual aos seus amigos, mas os amigos gostavam dele como ele era	19/10/2010
	A rosa e o rapaz do violino (nº 18)	António Mota	Mãe e Pai	Sim	O sonho da rainha ser mãe realizou-se	02/11/2010
	E se eu fosse uma fada (nº 5)	Mercé Aránega	Irmã	Sim	Gosto de fadas e também porque a história é interessante	10/11/2010
	O ratinho marinho (nº 29)	Lúisa Ducla Soares	Mãe	Sim	O ratinho era sonhador e aventureiro	16/11/2010
	Está um hipopótamo na minha cama (nº 17)	Beatriz Masini	Pai	Sim	O menino não gostava de dormir sozinho e inventava animais e sereias para se desculpar	26/11/2010
	Emília e o chá de tília (nº 2)	Alexandra Pinheiro	Mãe	Sim	A princesa acordava mal disposta e depois com o chá ficava contente	03/12/2010
	Os animais fantásticos (nº 16)	José Jorge Letria	Mãe	Sim	Gostei da sereia, do centauro e do ogre	13/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A10)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 10	Eu quero um amigo (nº 30)	Tony Ross	Pai e Mãe	Sim	No final todos acabaram amigos apesar das diferenças	22/10/2010
	Avô, conta outra vez (nº 14)	José Jorge Letria	Pai e Mãe	Sim	Faz lembrar as histórias contadas pelo meu avô	02/11/2010
	O gato Gatão (nº 7)	Graça Breia	Pai	Sim	Falava em gatos, eu adoro gatos	10/11/2010
	O alfabeto dos bichos (nº 21)	José Jorge Letria	Pai e Mãe	Sim	A história era sobre animais além disso pude ver todas as letras do alfabeto	23/11/2010
	Nham-Nham (nº 23)	Mick Manning Brita Granstrom	Mãe	Sim	Era sobre animais	03/12/2010
	Uns óculos para a Rita (nº 25)	Luísa Ducla Soares	Pai e Mãe	Sim	Entendi como é essencial usar óculos para ver tudo muito bem	13/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A11)

Aluno 11	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
	O Ratinho Marinheiro (nº 29)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	Fala de um ratinho aventureiro	25/10/2010
	Imagina-me um Pirata (nº 13)	Mark Marshall	Mãe	Sim	Era gira	26/11/2010
	O Soldado João (nº 10)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	É muito bonita	10/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A12)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 12	A Mimi vai à praia (nº 11)	Valerie Thomas Korky Paul	Pai e Mãe	Sim	A bruxa fez uma piscina em casa	17/10/2010
	Lavar, Escovar e Esfregar (nº 3)	Mick Manning Brita Gronstrom	Pai e Mãe	Sim	Nos ensina a ser limpos	26/10/2010
	O Ratinho Marinheiro (nº 29)	Luísa Ducla Soares	Pai e Mãe	Sim	O ratinho gostava de ser marinheiro	05/11/2010
	O Pirilampo Mágico (nº 27)	Maria João Carvalho	Pai e Mãe	Sim	Os meninos da história ajudaram a avó com ajuda dos pirilampos	12/11/2010
	Eu quero um amigo (nº 30)	Tony Ross	Pai e Mãe	Sim	Fala de uma princesa que não tinha amigos e passou a ter quando foi para a escola	19/11/2010
	Se eu fosse uma Fada (nº 5)	Mercé Aránega	Pai e Mãe	Sim	Me mostrou o mundo das fadas	26/11/2010
	Os Ovos Misteriosos (nº 28)	Luísa Ducla Soares	Pai e Mãe	Sim	Nos ensina a gostar uns dos outros	13/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A13)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 13	João Mandrião (nº 31)	António Mota	Mãe	Sim	O João pediu a princesa em casamento	18/10/2010
	O Alfabeto dos Bichos (nº 21)	José Jorge Letria	Mãe	Sim	Conheci mais animais	28/10/2010
	Os Negócios do Macaco (nº 22)	António Mota	Mãe	Sim	Gostei da música do macaco	05/11/2010
	Dinossáurio Belisário (nº 26)	Pepe Cáccamo	Mãe	Sim	No fim o dinossáurio ficou preso no armário	16/11/2010
	Os Animais Fantásticos (nº 16)	José Jorge Letria	Mãe e Pai	Sim	Conheci animais das lendas que não sabia que existiam	26/11/2010
	Imagina-me um Pirata (nº 13)	Mark Marshall	Mãe	Sim	O cão queria ser astronauta, pirata e piloto o que era divertido	03/12/2010
	A Mimi vai à praia (nº 11)	Valerie Thomas Korky Paul	Mãe	Sim	A Mimi transformou a sua casa numa praia	13/12/2010
	Está um hipopótamo na minha cama (nº 17)	Beatriz Masini Pia Valentinis	Pai e Mãe	Sim	Gostei dos animais que visitam o Guilherme na cama	17/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A14)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 14	Os Animais Fantásticos (nº 16)	José Jorge Letria	Pai, Mãe e Irmã	Sim	Gosto de histórias fantásticas, cheias de mistérios	23/10/2010
	Os ovos misteriosos (nº 28)	Luísa Ducla Soares	Pai, Mãe e Irmã	Sim	Gosto de histórias de animais, e esta foi muito divertida	02/11/2010
	Uns óculos para a Rita (nº 25)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	A Rita tinha um problema, mas foi ao médico e resolveu o seu problema	10/11/2010
	O Circo de Lulu (nº 9)	Daniel Picouly	Mãe	Sim	Gosto do circo, pois tem animais. A história divertida está escrita com rimas e eu gosto de rimas	29/11/2010
	Alfabeto dos Bichos (nº 21)	José Jorge Letria	Irmã	Sim	Gosto de animais, gosto de ouvir, ler e ver as imagens das histórias	03/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A15)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 15	Se os bichos se vestissem como gente (nº 32)	Luísa Ducla Soares	Irmã	Sim	Gostei desta história porque tem muitos desenhos bonitos e engraçados	18/10/2010
	O Circo de Lulu (nº 9)	Daniel Picouly	Irmã	Sim	Gostei desta história porque tem muitos desenhos bonitos e engraçados	26/10/2010
	O Alfabeto dos bichos (nº 21)	José Jorge Letria	Irmã	Sim	Tem muitos bichos divertidos que eu não conhecia	05/11/2010
	O sapo tem medo (nº 6)	Max Velthuijs	Irmã	Sim	A história é divertida	10/11/2010
	Os Animais fantásticos (nº 16)	José Jorge Letria	Irmã	Sim	Gira e divertida	19/11/2010
	Avó, conta outra vez (nº 14)	José Jorge Letria	Irmã	Sim	É muito engraçada	26/11/2010
	Dinossáurio Belisário (nº 26)	Pepe Cáccamo	Irmã	Sim	Tem imagens de animais	03/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A16)

Aluno 16	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
	O sapo tem medo (nº 6)	Max Velthuijs	Mãe e Irmã	Não	Fiquei com medo	18/10/2010
	O Pirlampo Mágico (nº 27)	Maria João Carvalho	Mãe e Irmã	Sim	Esta história tem magia	05/11/2010
	Lavar Escovar e Esfregar (nº 3)	Mick Manning Brita Gronstrom	Mãe e Irmã	Sim	Tem muitas regras de higiene	19/11/2010
	Eu quero um amigo (nº 30)	Tony Ross	Mãe e Irmã	Sim	Fala dos amigos que fazemos no 1º dia da escola	25/11/2010
	E se eu fosse uma fada (nº 5)	Mercé Aránega	Mãe e Irmã	Sim	Gosto de histórias com fadas	12/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A17)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 17	Emília e o chá de tília (nº 2)	Alexandra Pinheiro	Mãe	Sim	Fala de uma menina que estava sempre triste e bebeu chá de tília e ficou contente	23/10/2010
	Eu quero um amigo (nº 30)	Tony Ross	Mãe	Sim	Gostei, porque a personagem da história não tinha amigos e depois encontrou-os	28/10/2010
	Está um hipopótamo na minha cama (nº 17)	Beatriz Masini Pia Valentinis	Mãe	Sim	Gostei da parte em que ele foi para a cama da mãe e ele já não fez chichi	05/11/2010
	A Rosa e o rapaz do violino (nº 18)	António Mota	Mãe	Sim	Apareceu o rapaz do violino e beijou a rosa e esta transformou-se numa princesa	19/11/2010
	Nham-Nham (nº 23)	Mick Manning Brita Granstrom	Mãe	Sim	Gostei de ver a roda dos animais que se comeram uns aos outros	26/11/2010
	E se eu fosse uma fada (nº 5)	Mercé Aránega	Avó	Sim	Gostei da parte em que a Sissi estava a falar com a fada	10/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A18)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 18	E se eu fosse uma fada (nº 5)	Mercé Aránega	Mãe e Avó	Sim	Fala sobre fadas: o que comem, o que fazem e do que têm medo	05/11/2010
	A Rosa e o rapaz do violino (nº 18)	António Mota	Mãe	Sim	É linda	09/11/2010
	Eu quero um amigo (nº 30)	Tony Ross	Mãe	Sim	Fala de uma princesa que não tinha amigos. Quando foi para a escola arranjou amigos	19/11/2010
	O veado florido (nº 8)	António Torrado	Mãe	Sim	Fala de um veado florido e de um homem que o queria apanhar	26/11/2010
	O Pirlampo mágico (nº 27)	Maria João Carvalho	Mãe e Avó	Sim	É linda, porque fala de um pirlampo que vai ajudar a avó da Matilde a ver o céu	17/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A19)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 19	Está um hipopótamo na minha cama (nº 17)	Beatriz Masini Pia Valentinis	Mãe	Sim	Fala do Guilherme que faz chichi na cama e invente uma história sobre animais que lhe molham a cama	24/10/2010
	O sapo tem medo (nº 6)	Max Velthuijs	Mãe e Irmã	Sim	Um sapo que tem medo e pede ajuda aos seus amigos	02/11/2010
	E se eu fosse uma fada (nº 5)	Mercé Aránega	Irmã	Sim	A história fala da vida das fadas: onde vivem, como são...	12/11/2010
	O soldado João (nº 10)	Luísa Ducla Soares	Mãe e Irmã	Sim	Foi através do soldado João que a guerra terminou. A história divertida	19/11/2010
	Emília e o chá de tília (nº 2)	Alexandra Pinheiro	Mãe e Irmã	Sim	Aprendi que as ervas dão para fazer chá	02/12/2010
	Lavar, Escovar e esfregar (nº 3)	Mick Manning Brita Gronstrom	Irmã	Sim	Nos ensina os cuidados a ter com a nossa higiene	17/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A20)

Aluno 20	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
	Uns óculos para a Rita (nº 25)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	Fala de uma menina que se chama Rita como eu	29/10/2010
	O ratinho marinho (nº 29)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	Fala de um rato aventureiro	20/11/2010
	Os ovos misteriosos (nº 28)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	Fala de uma galinha muito amiga de todos os seus filhos apesar de serem todos diferentes	04/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A21)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
<i>Aluno 21</i>	O Comboio de pedra (nº 33)	Vergílio Alberto Vieira	Mãe	Sim	Tem desenhos engraçados, e fala de uma viagem de comboio a uma cidade grande que é o Porto	24/10/2010
	O Urso e a formiga (nº 19)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	Ensina que os mais fracos podem vencer se forem inteligentes	05/11/2010
	Os Animais fantásticos (nº 16)	José Jorge Letria	Avó	Sim	Fala de animais muito grandes e engraçados	12/11/2010
	A Mimi vai à praia (nº 11)	Valerie Thomas Korky Paul	Avó	Sim	A história é muito divertida e engraçada	19/11/2010
	O Pirilampo mágico (nº 27)	Maria João Carvalho	Avó e Mãe	Sim	Fala de uns pirilampos que faziam boas acções	26/11/2010
	O Alfabeto dos bichos (nº 21)	José Jorge Letria	Avó e Mãe	Sim	Fala de vários animais de uma forma engraçada	03/12/2010
	Dinossáurio Belisário (nº 26)	Pepe Cáccamo	Avó	Sim	O dinossáurio Belisário aprendeu uma grande lição	13/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A22)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 22	O Pirlampo mágico (nº 27)	Maria João Carvalho	Pai	Sim	Os pirlampos ajudaram a Matilde a ter uma ideia fantástica para a avó voltar a ver o céu	18/10/2010
	O soldado João (nº 10)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	O soldado João acabou com a guerra	29/10/2010
	Se os bichos se vestissem como pessoas (nº 32)	Luísa Ducla Soares	Irmão	Sim	Foi engraçado ver a cobra encontrar a sua cintura	05/11/2010
	O circo de Lulu (nº 9)	Daniel Picouly	Mãe e Pai	Sim	Os pinguins convidam os outros animais a participarem também no espectáculo	12/11/2010
	Os ovos misteriosos (nº 28)	Luísa Ducla Soares	Pai	Sim	A galinha teve um crocodilo, uma cobra e uma avestruz em vez de pintainhos	19/11/2010
	O ratinho marinheiro (nº 29)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	O ratinho salvou-se	03/12/2010
	Uns óculos para a Rita (nº 25)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	A Rita ficou a ver melhor com os óculos	13/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A23)

Aluno 23	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
	Se tu visse o que eu vi (nº 15)	António Mota	Mãe	Sim	É um livro muito divertido de se ler	25/10/2010
	O Comboio de pedra (nº 33)	Vergílio Alberto Vieira	Mãe	Sim	Fala numa viagem de comboio para o Porto	12/11/2010
	Sapo é sapo (nº 4)	Max Velthuijs	Mãe	Sim	O sapo tenta imitar os outros animais	03/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A24)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 24	Nham-Nham (nº 23)	Mick Manning Brita Gronstrom	Mãe	Sim	Aprendi que só consigo ver micróbios ao microscópio	18/10/2010
	João Mandrião (nº 31)	António Mota	Mãe	Sim	Gostava de ter um peixe mágico que fizesse tudo que lhe pedisse	27/10/2010
	O Alfabeto dos bichos (nº 21)	José Jorge Letria	Mãe	Sim	Aprendi as letras de uma maneira engraçada, porque gosto de animais	05/11/2010
	Os Negócios do macaco (nº 22)	António Mota	Mãe	Sim	Era muito engraçada e gostei muito da música	12/11/2010
	Dinossáurio Belisário (nº 26)	Pepe Cáccamo	Mãe	Sim	Gosto de rimas, gostei da parte em que ele era o dono do armário	19/11/2020
	Os Animais fantásticos (nº 16)	José Jorge Letria	Mãe e Pai	Sim	Fiquei a conhecer animais mitológicos	26/11/2010
	Avô, conta outra vez (nº 14)	José Jorge Letria	Mãe	Sim	Fala de um avô que conta histórias aos seus netos	03/12/2010

Anexo 1C (Tabela 1 – A25)

	<i>Título da história</i>	<i>Autor</i>	<i>Com quem leste a história</i>	<i>Gostaste da história</i>	<i>Porquê?</i>	<i>Data da leitura</i>
Aluno 25	O Urso e a formiga (nº 19)	Luísa Ducla Soares	Mãe	Sim	Fala de um papa-formigas que é gigante e perdeu com a formiga	17/10/2010
	Nham-Nham (nº 23)	Mick Manning Brita Gronstrom	Avó	Sim	Gostei da história, porque fala de animais que comem outros animais	05/11/2010
	Emília e o chá de tília (nº 2)	Alexandra Pinheiro	Mãe	Sim	A fada fez um chá para tornar a princesa feliz	12/11/2010
	Uns óculos para a Rita (nº 25)	Luísa Ducla Soares	Mãe e Pai	Sim	Gostei do oculista que apontava as pernas das letras para a Rita ler	19/11/2010
	A Mimi vai à praia (nº 11)	Valerie Thomas Korky Paul	Mãe	Sim	A bruxa fez aparecer uma piscina para ela nadar	03/12/2010
	Onde tudo aconteceu (nº 1)	António Mota	Mãe	Sim	Tem rimas engraçadas	13/12/2010

Anexo 1D: Número de livros lidos por cada aluno

Alunos	Número de livros lidos
Aluno 1	6
Aluno 2	8
Aluno 3	6
Aluno 4	7
Aluno 5	7
Aluno 6	7
Aluno 7	7
Aluno 8	7
Aluno 9	7
Aluno 10	6
Aluno 11	3
Aluno 12	7
Aluno 13	8
Aluno 14	5
Aluno 15	7
Aluno 16	5
Aluno 17	6
Aluno 18	5
Aluno 19	6
Aluno 20	3
Aluno 21	7
Aluno 22	7
Aluno23	3
Aluno 24	7
Aluno 25	6

Anexo 1E: Quem leu com os alunos

Alunos	Mãe	Pai	Irmã/ Irmão	Avô/Avó
Aluno 1	x	x	x	
Aluno 2	x	x		
Aluno 3	x	x	x	
Aluno 4		x	x	x
Aluno 5	x		x	
Aluno 6	x	x		
Aluno 7	x			
Aluno 8	x	x		
Aluno 9	x	x	x	
Aluno 10	x	x		
Aluno 11	x			
Aluno 12	x	x		
Aluno 13	x	x		
Aluno 14	x	x	x	
Aluno 15			x	
Aluno 16	x		x	
Aluno 17	x			x
Aluno 18	x			x
Aluno 19	x		x	
Aluno 20	x			
Aluno 21	x			x
Aluno 22	x	x	x	
Aluno 23	x			
Aluno 24	x	x		
Aluno 25	x	x		x

Anexo 1F: Livros lidos pelos alunos

Nº	Lista de Livros	Nº de Leitores	Gostaram	Não Gostaram
1	Onde tudo aconteceu	2	2	0
2	Emília e chá de tília	8	8	0
3	Lavar, escovar e esfregar	6	6	0
4	Sapo é sapo	4	4	0
5	E se eu fosse uma fada	8	8	0
6	O sapo tem medo	6	5	1
7	O gato gatão	5	5	0
8	O veado florido	2	2	0
9	O circo da Lulu	7	7	0
10	O soldado João	5	5	0
11	A Mimi vai à praia	7	7	0
12	História da pata Patrícia Patanisca	3	3	0
13	Imagina-me pirata	6	6	0
14	Avô, conta outra vez	4	4	0
15	Se tu visses o que eu vi	2	2	0
16	Animais fantásticos	8	7	1
17	Está um hipopótamo na minha cama	6	6	0
18	A Rosa e o rapaz do violino	5	5	0
19	O urso e a formiga	4	4	0
20	A rosinha, o mar e os sonhos	1	1	0
21	Alfabeto dos bichos	7	7	0
22	Os negócios do macaco	3	3	0
23	Nham-Nham	5	3	2
24	A menina que detestava livros	1	1	0
25	Uns óculos para a Rita	6	6	0
26	Dinossáurio Belisário	5	4	1
27	Pirilampo mágico	6	6	0
28	Os ovos misteriosos	5	5	0
29	O ratinho marinho	5	5	0
30	Eu quero um amigo	5	5	0
31	João mandrião	2	2	0
32	Se os bichos se vestissem como gente	2	2	0
33	O comboio de pedra	2	2	0

Anexo 1G: Opinião dos alunos sobre os livros lidos

Tabela 1: Onde tudo aconteceu (nº 1)

ALUNOS	LIVRO	Onde Tudo Aconteceu
Aluno 1		Fala da Natureza
Aluno 25		Tem rimas engraçadas

Tabela 2: Emília e o Chá de Tília (nº 2)

ALUNOS	LIVRO	Emília e o chá de tília
Aluno 1		Fala de uma fada.
Aluno 4		Tinha uma princesa.
Aluno 5		A história é bonita.
Aluno 7		Fala de uma princesa mal disposta e de uma fada chamada Emília que gosta de chá.
Aluno 9		A princesa acordava mal disposta e depois com o chá ficava contente.
Aluno 17		Fala de uma menina que estava sempre triste e bebeu chá de tília e ficou contente.
Aluno 19		Apreendi que as ervas dão para fazer chá.
Aluno 25		A fada fez um chá para tornar a princesa feliz.

Tabela 3: Lavar, escovar e esfregar (nº 3)

ALUNOS	LIVRO	Lavar, escovar e esfregar
Aluno 1		Ensina a ser limpinhos
Aluno 2		Ensina hábitos de higiene
Aluno 4		Ensina a proteger das doenças e sermos limpinhos.
Aluno 12		Ensina a ser limpinhos
Aluno 16		Tem regras de higiene
Aluno 19		Ensina os cuidados a ter com a nossa higiene.

Tabela 4: Sapo é sapo (nº 4)

ALUNOS	LIVRO	Sapo é sapo
Aluno 1		Fala de animais.
Aluno 5		Fala de animais.
Aluno 9		O sapo gostava de ser como os seus amigos, mas os amigos gostavam dele com ele era.
Aluno 23		O sapo tenta imitar os outros animais.

Tabela 5: E se eu fosse uma fada (nº 5)

ALUNOS	LIVRO	E se eu fosse uma fada
Aluno 1		Porque gosto de histórias com fadas.
Aluno 7		Explica como a fada se comporta no dia-a-dia.
Aluno 9		Gosto de fadas e também porque a história é interessante.
Aluno 12		Mostrou o mundo das fadas.
Aluno 16		Gosto de histórias com fadas.
Aluno 17		Gostei da parte em que a Sissi estava a falar com a fada.
Aluno 18		Fala sobre fadas: o que comem, o que fazem e do que têm medo.
Aluno 19		A história fala da vida das fadas: onde vivem, como são...

Tabela 6: O sapo tem medo (nº 6)

ALUNOS	LIVRO	O sapo tem medo
Aluno 1		O sapo ajudou-me a deixar de ter medo.
Aluno 4		É engraçada e fala de fantasmas e medos.
Aluno 6		Gostei
Aluno 15		A história é divertida.
Aluno 16		Fiquei com medo
Aluno 19		Um sapo que tem medo e pede ajuda aos seus amigos.

Tabela 7: O gato Gatão (nº 7)

ALUNOS	LIVRO	O gato Gatão
Aluno 2		A história diz coisas a rimar.
Aluno 3		O gato repara em tudo e faz versos de poesia.
Aluno 4		Tinha gatinhos e poetas de profissão.
Aluno 7		Fala do gato e das suas peripécias do dia-a-dia.
Aluno 10		Fala em gatos e eu gosto de gatos.

Tabela 8: O veado Florido (nº 8)

ALUNOS	LIVRO	O veado Florido
Aluno 2		Esta história ensina-nos que não devemos ter animais presos.
Aluno 18		Fala de um veado florido e de um homem que o queria apanhar.

Tabela 9: O circo Lulu (nº 9)

ALUNOS	LIVRO	O circo Lulu
Aluno 2		Eu gosto de circo com animais e este era só com animais.
Aluno 3		Gosto de circo.
Aluno 6		Gostei da história e dos desenhos.
Aluno 8		Tinha um circo e muitos animais.
Aluno 14		Gosto do circo, pois tem animais. A história é divertida, está escrita com rimas e eu gosto de rimas
Aluno 15		Gostei desta história porque tem muitos desenhos bonitos e engraçados.
Aluno 22		Os pinguins convidam os outros animais a participarem também no espectáculo.

Tabela 10: O soldado João (nº 10)

ALUNOS	LIVRO	O soldado João
Aluno 2		O soldado João em vez de combater, ajudou a fazer as pazes com o inimigo.
Aluno 8		O João queria que todos vivessem em paz.
Aluno 11		É muito bonita.
Aluno 19		Foi através do João que a guerra terminou.
Aluno 22		O soldado João acabou com a guerra.

Tabela 11: A Mimi vai à praia (nº 11)

ALUNOS	LIVRO	A Mimi vai à praia
Aluno 2		Gosto de brincar na praia.
Aluno 3		A confusão da ida da bruxa Mimi à praia com a perca da sua vassoura.
Aluno 4		Tinha piscina e praia que são duas coisas que eu gosto muito.
Aluno 12		A bruxa fez uma piscina em casa.
Aluno 13		A Mimi transformou a sua casa numa praia.
Aluno 21		A história é muito divertida e engraçada.
Aluno 25		A bruxa fez aparecer uma piscina para ele nadar.

Tabela 12: História da pata Patrícia Patanisca (nº 12)

ALUNOS	LIVRO	História da pata Patrícia Patanisca
Aluno 2		A história fala-nos que não podemos confiar em toda a gente.
Aluno 5		Tem animais e pessoas.
Aluno 7		Fala de uma pata com o nome muito engraçado.

Tabela 13: Imagina-me pirata (nº 13)

ALUNOS	LIVRO	Imagina-me pirata
Aluno 2		Esta história fala das aventuras que podemos imaginar.
Aluno 5		Fala de um cão sonhador.
Aluno 7		O sono do cão com várias profissões foi muito engraçado.
Aluno 8		O cão andou a descobrir um tesouro nos seus sonhos.
Aluno 11		Era gira.
Aluno 13		O cão queria ser astronauta, pirata e piloto, o que era divertido.

Tabela 14: Avô, conta outra vez (nº 14)

ALUNOS	LIVRO	Avô, conta outra vez
Aluno 3		Fala sobre histórias que o avô conta ao neto.
Aluno 10		Faz lembrar as histórias contadas pelo meu avô.
Aluno 15		É muito engraçada.
Aluno 24		Fala de um avô que conta histórias aos seus netos,

Tabela 15: Se tu visses o que eu vi (nº 15)

ALUNOS	LIVRO	Se tu visses o que eu vi
Aluno 3		São várias histórias.
Aluno 23		É um livro muito divertido de se ler.

Tabela 16: Animais fantásticos (nº 16)

ALUNOS	LIVRO	Animais fantásticos
Aluno 3		Fala de animais diferentes.
Aluno 6		Tinha muitos animais feios.
Aluno 9		Gostei da sereia, do centauro e do ogre
Aluno13		Conheci animais das lendas que não sabia que existiam.
Aluno14		Gosto de histórias fantásticas, cheias de mistérios.
Aluno 15		Gira e engraçada.
Aluno 21		Fala de animais muito grandes e engraçados.
Aluno 24		Fiquei a conhecer animais mitológicos

Tabela 17: Está um hipopótamo na minha cama (nº 17)

ALUNOS	LIVRO	Está um hipopótamo na minha cama
Aluno 4		É engraçada e interessante.
Aluno 8		A história é muito engraçada e o menino tinha muitos bonecos.
Aluno 9		O menino não gostava de dormir sozinho e inventava animais e sereias para se desculpar.
Aluno 13		Gostei dos animais que visitam o Guilherme na cama.
Aluno 17		Gostei da parte em que ele foi para a cama da mãe e ele não fez chichi.
Aluno 19		Fala do Guilherme que faz chichi na cama e inventa uma história sobre animais que lhe molham a cama.

Tabela 18: A rosa e o rapaz do violino (nº 18)

ALUNOS	LIVRO	A rosa e o rapaz do violino
Aluno 4		Tinha uma rosa princesa.
Aluno 5		História muito bonita.
Aluno 9		O sonho da rainha ser mãe realizou-se.
Aluno 17		Apareceu o rapaz do violino e beijou a rosa e esta transformou-se numa princesa.
Aluno 18		É linda.

Tabela 19: O urso e a formiga (nº 19)

ALUNOS	LIVRO	O urso e a formiga
Aluno 5		Tem muitos animais.
Aluno 6		Gostei da formiga atrevida.
Aluno 21		Ensina que os mais fracos podem vencer se forem inteligentes.
Aluno 25		Fala de um papa-formigas que é gigante e perdeu com a formiga.

Tabela 20: A Rosinha, o mar e os sonhos (nº 20)

ALUNOS	LIVRO	A Rosinha, o mar e os sonhos
Aluno 5		Fala de sereias.

Tabela 21: Alfabeto dos bichos (nº 21)

ALUNOS	LIVRO	Alfabeto dos bichos
Aluno 6		É gira, bonita e gostei que a minha mãe a lesse para mim.
Aluno 10		A história era sobre animais. Para além disso pude ver todas as letras do alfabeto.
Aluno 13		Conheci mais animais.
Aluno 14		Gosto de animais, gosto de ouvir ler e ver as imagens das histórias.
Aluno 15		Tem muitos bichos divertidos que eu não conhecia.
Aluno 21		Fala de vários animais de uma forma divertida.
Aluno 24		Aprendi as letras de uma forma engraçada, porque gosto de animais.

Tabela 22: Os negócios do macaco (nº 22)

ALUNOS	LIVRO	Os negócios do macaco
Aluno 6		Era gira.
Aluno 13		Gostei da música do macaco.
Aluno 24		Era muito engraçada e gostei muito da música.

Tabela 23: Nham-Nham (nº 23)

ALUNOS	LIVRO	Nham-Nham
	Aluno 6	Era gira
	Aluno 10	Era sobre animais.
	Aluno 17	Não gostei de animais que se comem uns aos outros.
	Aluno 24	Aprendi que só consigo ver micróbios ao microscópio.
	Aluno 25	Não gostei da história, porque fala de animais que comem outros animais.

Tabela 24: A menina que detestava livros (nº 24)

ALUNOS	LIVRO	A menina que detestava livros
	Aluno 7	Fala de uma menina que não gostava de livros e passou a gostar quando um dia de um livro saíram animais.

Tabela 25: Uns óculos para a Rita (nº 25)

ALUNOS	LIVRO	Uns óculos para a Rita
	Aluno 7	Fala de uma menina que tinha dificuldades em ver.
	Aluno 10	Entendi como é essencial usar óculos para ver tudo muito bem.
	Aluno 14	A Rita tinha um problema, mas foi ao médico e resolveu o seu problema.
	Aluno 20	Fala de uma menina chamada Rita como eu.
	Aluno 22	A Rita ficou a ver melhor com os óculos.
	Aluno 25	Gostei do oculista que apontava as pernas das letras para a Rita ler.

Tabela 26: Dinossáurio Belisário (nº 26)

ALUNOS	LIVRO	Dinossáurio Belisário
Aluno 8		O Dinossáurio Belisário prendia os animais.
Aluno 13		No fim o dinossáurio Belisário ficou preso no armário.
Aluno 15		Tem imagens de animais.
Aluno 21		O dinossáurio aprendeu uma grande lição.
Aluno 24		Gosto de rimas, gostei da parte em que ele era dono do armário.

Tabela 27: Pirlampo Mágico (nº 27)

ALUNOS	LIVRO	Pirilampo Mágico
Aluno 8		Tem muitos pirlampos que são bonitos e mágicos.
Aluno 12		Os meninos da história ajudaram a avó com ajuda dos pirlampos.
Aluno 16		Esta história tem magia.
Aluno 18		É linda porque fala de um pirlampo que vai ajudar a avó da Matilde.
Aluno 21		Fala de pirlampos que fazem boas acções.
Aluno 22		Os pirlampos ajudaram a Matilde a ter uma ideia fantástica para a avó.

Tabela 28: Os ovos misteriosos (nº 28)

ALUNOS	LIVRO	Os ovos misteriosos
Aluno 8		A galinha tinha filhos todos diferentes mas amava-os a todos.
Aluno 12		Nos ensina a gostar uns dos outros.
Aluno 14		Gosto de histórias de animais e esta foi muito divertida.
Aluno 20		Fala de uma galinha muito amiga de todos os seus filhos apesar de serem todos diferentes.
Aluno 22		A galinha teve um crocodilo, uma cobra e uma avestruz em vez de pintainhos.

Tabela 29: O ratinho marinheiro (nº 29)

ALUNOS	LIVRO	O ratinho marinheiro
Aluno 9		O ratinho era sonhador e aventureiro.
Aluno11		Fala de um ratinho aventureiro.
Aluno 12		O ratinho gostava de ser marinheiro.
Aluno 20		Fala de um rato aventureiro.
Aluno 22		O ratinho salvou-se.

Tabela 30: Eu quero um amigo (nº 30)

ALUNOS	LIVRO	Eu quero um amigo
Aluno 10		No final todos acabaram amigos apesar das diferenças.
Aluno 12		Fala de uma princesa que não tinha amigos e passou a ter quando foi para a escola.
Aluno 16		Fala de amigos que fazemos no primeiro dia da escola.
Aluno 17		Gostei porque a personagem da história não tinha amigos e depois encontrou-os.
Aluno 18		Fala de uma princesa que não tinha amigos. Quando foi para a escola arranjou amigos.

Tabela 31: João mandrião (nº 31)

ALUNOS	LIVRO	João mandrião
Aluno 13		O João pediu a princesa em casamento.
Aluno 24		Gostava de ter um peixe mágico que fizesse tudo que lhe pedisse.

Tabela 32: Se os bichos se vestissem como gente (nº 32)

ALUNOS	LIVRO	Se os bichos se vestissem como gente
Aluno 15		Gostei desta história porque tem muitos desenhos bonitos e engraçados
Aluno 22		Foi engraçado ver a cobra encontrar a cintura.

Tabela 33: O comboio de pedra (nº 33)

ALUNOS	LIVRO	O comboio de pedra
Aluno 21		Tem desenhos engraçados e fala de uma viagem de comboio a uma cidade grande que é o Porto.
Aluno 23		Fala numa viagem de comboio para o Porto.

Anexo 1 H: Questionário realizado aos encarregados de educação

Avaliação do Projecto Já Sei Ler

Questionário realizado aos encarregados de educação



Aos Pais

O Projecto JÁ SEI LER tem promovido o gosto pela leitura no seu educando?

SIM

Não

O Projecto JÁ SEI LER deve continuar?

SIM

Não

Obrigado pela Colaboração.

ANEXO 2

Anexo 2 A: Ficha de correspondências

Ficha de Correspondências

1. Faz a respectiva correspondência.

A



E



I



O



U



Auto – Avaliação

O que achaste desta actividade?

Gostei muito



Gostei



Gostei pouco



Anexo 2 B: Recortar palavras

Recortar Palavras

1. Recorta palavras que comecem por cada uma das letras.

A

E

I

O

U

Auto – Avaliação

O que achaste desta actividade?

Gostei muito



Gostei



Gostei pouco



ANEXO 3

Anexo 3 A: PowerPoint apresentado à turma no âmbito da actividade 3

PowerPoint apresentado à Turma

BEM-VINDOS À BIBLIOTECA



Na tua Biblioteca podes...



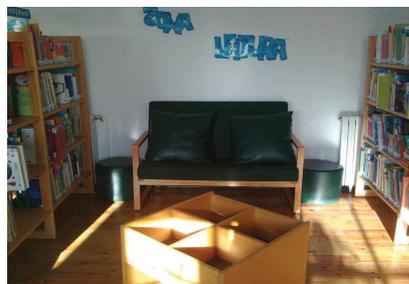
Na tua Biblioteca podes...



Os espaços da tua Biblioteca



Os espaços da tua Biblioteca



Os espaços da tua Biblioteca



Os espaços da tua Biblioteca

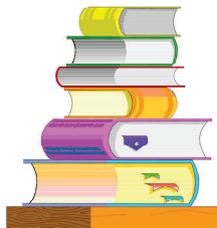


Regras da Biblioteca

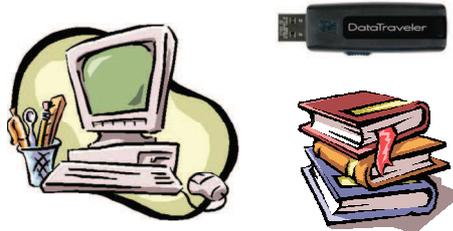


Atenção!
Na Biblioteca há regras que é preciso respeitar e conhecimentos que precisamos ter para uma boa utilização da Biblioteca!
Vamos aprender!

Regras da Biblioteca



Regras da Biblioteca



Regras da Biblioteca



O que é permitido na Biblioteca?



O que pertence à Biblioteca?



Como está organizada a Biblioteca



Se reparares bem, todos os livros têm uma etiqueta de cor na lombada!
Essa cor diz-nos a que classe pertencem os livros e ajuda-nos a guardá-los no sítio correcto!
Assim, nas estantes, os livros estão arrumados pelos assuntos que tratam.

Como está organizada a Biblioteca

Vermelho	0	Generalidades, Dicionários, Enciclopédias
Rosa	1	Filosofia - Psicologia
Amarelo	2	Religião, Teologia
Verde Escuro	3	Ciências Sociais
Verde	4	Matemática, Ciências Naturais
Laranja	5	Ciências Aplicadas, Medicina, Tecnologia
Azul Escuro	6	Arte, Entretenimento, Desporto
Azul Turquesa	7	Língua, Literatura
Roxo	8	Geografia, Biografia, História

Adeus!



Lembra-te: o livro é um amigo, por isso trata-o bem!

Até à vista e boas leituras amigos!

Anexo 3 B: Ficha de verificação de conhecimentos

Aprende a utilizar a Biblioteca Escolar

1.1) Assinala, na respectiva coluna, o que **podes fazer**, na Biblioteca com um **X verde** e o que **não deves fazer**, com um **X vermelho**.

	POSSO FAZER	NÃO POSSO FAZER
		
		
		
		
		

1.2) Identifica, na respectiva coluna, os objectos que **pertencem à tua Biblioteca**, com um **X verde** e os objectos que **não pertencem à tua Biblioteca**, com um **X vermelho**.

	PERTENCE	NÃO PERTENCE
		
		
		
		
		

2) Conjunto de livros:

Identifica os pontos comuns entre os diversos livros. Qual é o intruso? Porquê?

3) A tua Biblioteca tem muitas actividades das quais tu podes usufruir. Observa e verifica se ainda falta mais alguma coisa que deva existir numa Biblioteca. Desenha tudo aquilo que falta na tua Biblioteca que consideras essencial.

Auto – Avaliação

O que achaste desta actividade?

Gostei Muito



Gostei

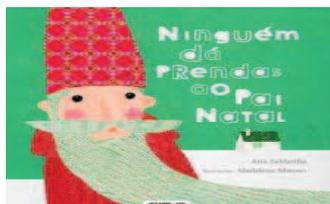


Gostei Pouco



ANEXO 4

Anexo 4 A: Ficha de compreensão sobre a história



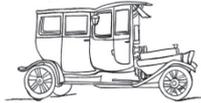
Ficha de Compreensão

1- Assinala as imagens das personagens que fazem parte da história.



2 – Desenha as personagens que faltam.

3- Coloca um X nos presentes dados ao Pai Natal.



4- Desenha os presentes que faltam.

Auto – Avaliação

O que achaste desta actividade?

Gostei muito



Gostei



Gostei pouco

